

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

DANIELA DIAS FURLANI

**JUVENTUDE E AFETIVIDADE:
TECENDO PROJETOS DE VIDA**

FORTALEZA
2007

DANIELA DIAS FURLANI

**JUVENTUDE E AFETIVIDADE:
TECENDO PROJETOS DE VIDA**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como exigência para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dr. Zulmira Áurea Cruz Bomfim.

FORTALEZA

2007

DANIELA DIAS FURLANI

**JUVENTUDE E AFETIVIDADE:
TECENDO PROJETOS DE VIDA**

Dissertação apresentada à Coordenação do Programa de Pós- Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como exigência para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Aprovada em __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Zulmira Áurea Cruz Bomfim (Orientadora)

Profª. Dra. Maria do Carmo Guedes

Profª. Dra. Veriana Maria de Fátima Colaço

RESUMO

A pesquisa buscou compreender a afetividade de jovens de duas realidades distintas: um ambiente rural do interior do Ceará e um ambiente urbano em Fortaleza-CE. Relaciona a afetividade (sentimentos e emoções) dos jovens, em relação ao lugar onde moram, com o projeto de vida destes sujeitos. Parte da perspectiva histórica cultural que enfatiza a dialética e a busca da superação da dicotomia, tais como afetividade/racionalidade, subjetividade/objetividade. Investiga o projeto de vida de jovens, envolto por uma realidade objetiva também por uma dimensão subjetiva de homens históricos. A pesquisa teve como objetivo analisar os projetos de vida de jovens do ambiente rural do município de Cruz (CE) e de jovens de um ambiente urbano de Fortaleza, a partir da afetividade (sentimentos e emoções) em relação ao ambiente do qual fazem parte. Participaram da pesquisa 38 jovens de ambos os sexos, com idades variando entre 13 e 19 anos - sendo 19 jovens moradores de um ambiente urbano de Fortaleza-CE e 19 de um ambiente rural de Cruz-CE. Para apreensão dos afetos, utilizou-se o método dos mapas afetivos (Bomfim, 2003) e para um aprofundamento de questões relacionadas ao projeto de vida foram utilizadas entrevistas baseadas em um questionário semi-estruturado. A análise dos dados qualitativos foi realizada por meio da análise de conteúdo e de uma análise estatística complementar. O fato de alguns jovens morarem em ambiente rural e outros em ambiente urbano não diferiu completamente seus projetos de vida. Constatou-se que os jovens demonstram uma limitação quanto à diversidade de projetos de vida. Percebeu-se que a maioria dos jovens está muito presa ao presente imediato - estudar e/ou trabalhar -, e que se limita a essa realidade. Observou-se influências dos ambientes (rural e urbano) sobre algumas características específicas de seus projetos de vida. Identificou-se que os jovens do ambiente rural tendem a buscar mais cedo trabalho, sendo estes trabalhos informais, sem a garantia de direitos trabalhistas, o que lhes gera uma insegurança em relação ao lugar que moram. Este fato se relaciona com o projeto de morar em outro lugar na busca por melhores oportunidades de trabalho. Já em relação aos jovens do ambiente urbano, identificou-se uma queixa em relação à violência urbana, gerando sentimentos de contraste em relação ao lugar em que habitam. Os jovens do ambiente urbano expressaram um maior desejo de ingressar na faculdade do que os jovens do ambiente rural. Conclui-se como necessária a disseminação de práticas sociais que visem um posicionamento crítico do sujeito diante das questões sociais e particulares que lhes cercam.

Palavras-chave: Mapas afetivos; projeto de vida; psicologia comunitária; juventude; ambiente urbano; ambiente rural.

ABSTRACT

This research has searched the understanding of important aspects the affectivity of young from two distinct realities: the young people of an rural area in the countryside of Ceará state (Brazil's Northeast) and the young people of urban area in Fortaleza, capital of Ceará. . We related the affectivity (feelings and emotions) of the young people for the place where they live with the project of life of these citizens. We used an historical and cultural perspective, that emphasizes the dialectic t he search of the overcoming of the dichotomy, such as affectivity/rationality, subjective/objective. The research has investigated the question of the Project of Life of young individuals, adopting an objective reality lived by the individuals, and also a subjective dimension of historical men . The research had as objective to analyze the projects of life of young individuals of both Cruz (CE), a rural town, and Fortaleza (CE), an urban city), observing the affectivity in relation to the environment of which they were part. 38 individuals of both sex took part in this research, with ages varying between 13 and 19 years - being 19 young inhabitants of urban environment and 19 of agricultural environment. For apprehension of the affection, the method used was the affective maps (Bomfim, 2003) and for a deepening of questions related to the project of life we used interviews based on a questionnaire. The analysis of the data was made in a qualitative way, focusing its contents, with a complementary statistic analysis. Among the conclusions, we noticed that enviromental issues are not determinative but have some influences on young people's Projects of Life, and that the dissemination of social practices that encourage critical positioning among young citizens are necessary.

Keywords: Affective maps; Project of Life; Communitarian Psychology; youth, urban environment, rural environment

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Mapa geográfico do Estado do Ceará	9
FIGURA 2 - Mapa geográfico dos bairros de Fortaleza	37

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Síntese do processo de categorização voltado para elaboração de mapas afetivos	44
QUADRO 2 - Imagens de Cruz-CE (ambiente rural) conforme as qualidades e sentimentos dos respondentes destes lugares.....	46
QUADRO 3 - Imagens de Fortaleza-CE (ambiente urbano) conforme as qualidades e sentimentos dos respondentes destes lugares.....	47
QUADRO 4 - Imagens de pertinência, conforme os jovens pesquisados do ambiente urbano e rural do Ceará	48
QUADRO 5 - Imagens dos lugares de agradabilidade, conforme respostas dos jovens do ambiente rural e urbano do Ceará	51
QUADRO 6 - Imagens de lugares de pertinência, conforme respostas dos habitantes de Fortaleza e Cruz.....	54
QUADRO 7 - Imagens de lugares de insegurança, conforme respostas dos jovens do ambiente rural e urbano do Ceará	56

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Caracterização dos sujeitos da pesquisa	45
TABELA 2 - Projetos de vida dos jovens do ambiente rural e urbano no Ceará	66
TABELA 3 - Estratégias para realizar os projetos de vida.....	68
TABELA 4 - Diversificação de estratégias para realizar os projetos de vida	69
TABELA 5 - Participação em grupos entre os jovens do ambiente rural.....	70
TABELA 6 - Fatores que levam os jovens a participar de grupos de iguais.....	70

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Idade e número de indivíduos	45
GRÁFICO 2 - Categorias de afetividade	60
GRÁFICO 3 - Trabalho e imagens	60
GRÁFICO 4 – Trabalho e ambiente onde vivem	61
GRÁFICO 5 – Índice do desejo em permanecer no lugar onde moram dos jovens do ambiente rural ou urbano no Ceará	62
GRÁFICO 6 - Índice das categorias de afetividade dos jovens do ambiente rural e urbano do Ceará.	63
GRÁFICO 7 – Categorias de afetividade a partir da escala Lykert.....	64

SUMÁRIO

LISTAS	5
1 INTRODUÇÃO	7
2 JUVENTUDE, PROJETO DE VIDA E AFETIVIDADE	11
2.1 A juventude na contemporaneidade	11
2.2 Afetividade como categoria de estudo	19
3 PSICOLOGIA AMBIENTAL, CIDADE E MODOS DE VIDA RURAL E URBANO	24
3.1 A Psicologia Ambiental	24
3.2 Ambiente rural e urbano	27
4 OBJETIVOS	3
5 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	37
5.1 Tipo de estudo	37
5.2 Sujeitos e local do estudo	37
5.3 Instrumento gerador dos mapas afetivos	38
<i>5.3.1 Explicação dos itens do instrumento gerador dos mapas afetivos</i>	39
5.4 Características sócio-demográficas	41
5.5 Coleta de dados	41
5.6 Análise dos dados	43
6 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	45
6.1 Caracterização da amostra	45
6.2 Levantamento dos Mapas Afetivos	46
6.2.1 As imagens dos jovens do ambiente urbano e rural	47
6.3 Apresentação gráfica da distribuição dos mapas afetivos	59
<i>6.3.1 Imagens</i>	59
<i>6.3.2 O Trabalho</i>	60
<i>6.3.3 O desejo de permanecer no ambiente em que vivem (rural e urbano)</i>	62
6.4 Análise estatística complementar	63
6.5 Os jovens e seus projetos de vida	67
<i>6.5.1 Estratégias</i>	68
<i>6.5.2 Diversificação de estratégias</i>	68
<i>6.5.3 Participação em Grupos como um dos projetos de vida dos jovens</i>	69
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
ANEXOS	73

1| INTRODUÇÃO

A Psicologia Social de base histórico-cultural concebe o homem como um indivíduo inserido em um contexto histórico, que é dinâmico, processual e mediado por relações sociais. Tal enfoque pretende um direcionamento crítico e reflexivo, que vai contra os postulados positivistas que naturalizam os fenômenos humanos e sociais. Muitos dos estudos e pesquisas em psicologia tratam do jovem, e de fenômenos peculiares a essa fase de vida, a partir de uma concepção naturalista e universal. Isso acaba por produzir rotulações referentes à juventude, que levam à ideologização nas conclusões dos estudos.

Castro (2001) aponta para uma posição de investigação que abre mão do enfoque normativo, seqüencial e evolutivo, dentro de uma lógica desenvolvimentista, onde a infância é o início do trajeto, passando pela juventude até a fase adulta. Considera que o modo como essas teorias concebem uma fase da vida, pelo desenvolvimento, prioriza o vir a ser, e não a dimensão presente, contextualizada, no aqui e agora. Tais teorias desenvolvimentistas consideram a infância e a juventude como fases necessárias para se alcançar a fase adulta, fase esta que é a central. Pois as primeiras fases ficam convencionalmente estereotipadas com a imagem da imaturidade e irresponsabilidade. Castro (2001) reflete uma nova perspectiva: “... que se rende à razão desenvolvimentista, mas que aposte na emergência do novo e do imprevisível” (CASTRO, 2003, p. 28). Esta posição acolhe as diferenças, a alteridade, aquilo que não está previsto, normatizado, que não pretenda a previsão do futuro. Referencia-se, a partir de um presente, recortes parciais de uma época, sem a presunção de assumir a configuração de teorias que dêem conta de uma totalidade.

Tomando como base essa forma de entender a juventude, buscamos neste estudo a compreensão de aspectos relevantes da afetividade de jovens de duas realidades distintas: os jovens de um ambiente rural do interior do Ceará e os jovens de ambiente urbano em Fortaleza. Relacionaremos a afetividade (sentimentos e emoções) dos jovens, em relação ao lugar onde moram, com o projeto de vida destes sujeitos.

Ao partirmos da perspectiva histórico-cultural, temos como concepção de homem um ser que ao mesmo tempo é produto, como também é produtor da história. Neste sentido, o fenômeno que propomos investigar, que se volta para a questão do projeto de vida de jovens, está envolto por uma realidade objetiva vivida pelos indivíduos e também por uma dimensão

subjetiva de homens históricos. As dimensões (objetiva e subjetiva) não se excluem, mas sim dialogam entre si.

A dialética entre subjetividade e objetividade assegura a inter-relação constante de dois âmbitos que irão configurar a realidade investigada. Os jovens colaboradores dessa pesquisa estabelecem, por meio de suas escolhas, opções, estabelecimento de metas, aquilo que representa sua subjetividade. Esta, por sua vez, é influenciada por dados objetivos do meio. Nesse movimento dialético, os acontecimentos e relações entre os jovens e o seu meio vão se dando de forma a serem compreendidos sem a dicotomia objetividade/subjetividade.

Consideramos, portanto, o homem como sujeito social que, imerso em relações sociais, tem a possibilidade de ir se desenvolvendo, estabelecendo trocas constantes com o meio em que se encontra e com outros sujeitos. Estes indivíduos são possuidores de uma referência cultural e histórica peculiar, que influencia suas formas de sentir, pensar, agir e ser. Essa cultura é entendida como um resultado da atividade humana, que se configura em um meio social que modifica e é modificado pelo homem, estabelecendo-se assim uma unidade dialética (FREIRE, 1980). Partindo da concepção de que: “Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo...” (LANE, 1989, p.62), buscamos priorizar a identificação dos sentimentos dos jovens relacionando com suas experiências de vida, a partir do ambiente onde vivem, e com seus projetos de vida.

Nossa pesquisa foi realizada com dois grupos de jovens. Um dos grupos é composto por jovens que vivem em um ambiente rural litorâneo, em Cruz, município localizado ao norte do estado do Ceará. O município se encontra a 209 km da capital (em linha reta), tem uma área de 334,83 km² e população de 19.779 habitantes. Já o outro grupo é formado por jovens que vivem em um meio urbano, na cidade de Fortaleza. Procuramos analisar essas duas realidades de vida (rural e urbana) por considerarmos relevante entender as relações entre fatores ambientais, psicossociais e projeto de vida.



FIGURA 1 - Mapa geográfico do Estado do Ceará

FONTE: http://ceara.com.br/cepg/mapa_ceara.htm

A proposta inicial foi que, em relação aos jovens do ambiente rural, a pesquisa tivesse sido feita somente com participantes do “Projeto Escola Família Agrícola”; no entanto, no decorrer da pesquisa, tal projeto ficou suspenso por tempo indeterminado, até que recebam um recurso financeiro que se encontra em vias de ser liberado. A falta do recurso levou a escola a não funcionar no ano de 2006. A Escola Família Agrícola entrou em vigor em fevereiro de 2004 no município Cruz-CE e funcionou até dezembro de 2005. O “Projeto Escolas Famílias Agrícolas - EFA” surgiu na década de 30 na França e está há 32 anos no Brasil, onde já existe em 18 estados brasileiros e envolve 3.000 comunidades rurais. No Ceará o projeto foi implantado no distrito de Caiçara, município de Cruz, com abrangência nos três municípios vizinhos (Jijoca, Cruz e Acaraú). A escola utiliza uma forma inovadora de pedagogia, conhecida por *pedagogia da alternância*, onde jovens de 11 a 18 anos alternam períodos de 15 dias em regime de semi-internato na escola e 15 dias em casa junto à sua família e comunidade.

O projeto educativo proporciona uma formação integral dos alunos, que interagem com a vida da comunidade, família, o mundo do trabalho e das profissões. Visa buscar

soluções viáveis para problemáticas da comunidade, proporcionando um desenvolvimento local por meio de atividades de formação dos jovens. A estes é proporcionada a possibilidade de uma formação da consciência crítica para que se tornem agentes de transformação social. Além de criar oportunidade de trabalho e renda para os jovens e suas famílias, o projeto estimula o espírito empreendedor do jovem, ajudando-o a inserir-se no mundo do trabalho.

Já em relação aos jovens do ambiente urbano, pesquisamos um grupo que faz parte do Movimento Encontro de Jovens Shalom (MEJSh). Este movimento teve suas raízes em Angola, nos anos sessenta. No fim de 1975, chega ao Nordeste brasileiro por intermédio de D. Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza e D. Paulo Ponte, bispo de Itapipoca- Ce. O trabalho orientado pelas dioceses tem objetivo de propor aos jovens formação integral, focando o auto-conhecimento, o crescimento humano e o relacionamento inter-pessoal; a vivência e o aprofundamento da fé; a conscientização política e social; a capacitação e o treinamento de liderança; a sensibilidade ecológica e lúdica. Além da questão religiosa o grupo favorece o encontro dos jovens para realização de trabalhos de cunho social. O MEJSh conta com cerca de sessenta grupos de jovens espalhados em bairros de Fortaleza e praias próximas (Paraipaba, Paracuru, Fleixeiras, Maranguape, Nova Metrópole, Barra do Ceará, S. Gerardo, Fátima, S. João do Tauape, Messejana, Parque Genibaú, Tancredo Neves e Icarai).

Apresentamos esse trabalho mostrando primeiramente um capítulo que aborda a compreensão juventude na contemporaneidade, características da sociedade atual, além do conceito projeto de vida e sua relevância em ser estudado. Depois abordamos o estudo da psicologia ambiental, as formas de vida rural e urbana, explicitando características da vida humana nos dois ambientes. O fim deste terceiro capítulo acontece com a anunciação dos objetivos da pesquisa. O quarto capítulo corresponde aos procedimentos metodológicos, com a caracterização, características sócio-demográficas sujeitos investigados, local do estudo e recurso metodológico utilizado. No quinto capítulo, apresentamos e discutimos os dados obtidos, fazemos um levantamento das imagens geradas a partir dos mapas afetivos e demonstramos minuciosamente os projetos de vida dos jovens investigados. Finalizamos o trabalho com as considerações finais, onde refletimos e convidamos o leitor a refletir sobre o essencial do assunto escolhido.

2 | JUVENTUDE, PROJETO DE VIDA E AFETIVIDADE

2.1 A juventude na contemporaneidade

A abordagem sócio-histórica apreende a juventude não como uma fase normativa do desenvolvimento humano, mas antes disso como uma criação histórica que é atribuída de significações e interpretações humanas. Ozella (2003) denuncia que alguns autores da década de 80, como Osório (1989) e Aberastury (1980), continuam cristalizando significados do que seja essa fase da vida, o que contribui para uma universalização e naturalização de características dos jovens.

Em concordância com Ozella (2003), acreditamos na necessidade de superação dessas visões naturalizantes, onde a fase de vida da juventude é compreendida tão somente por uma série de mudanças psíquicas e biológicas, sem levar-se em conta parâmetros históricos e culturais de diferentes épocas. Assim, o que acontece são sucessivas produções similares de discursos limitados ao longo das épocas.

Ozella (2003) cita significados de compreensão da juventude a partir da visão da psicologia sócio-histórica, onde a juventude é entendida como processo: “... uma visão longitudinal e histórica como parte de um processo de desenvolvimento, de transição para a vida adulta” (OZELLA, 2003, p.23). Assim como: “... resultado de uma construção social; dependente das relações sociais estabelecidas durante o processo de socialização, incluídos aqui fatores econômicos, sociais, educacionais, políticos e culturais” (OZELLA, 2003, p. 23).

Muitos jovens enfrentam dificuldades ao se deparar com tantas mudanças decorrentes desta fase peculiar ao desenvolvimento humano. É notável o aumento alarmante de crimes, violência e uso de drogas envolvendo jovens em nosso país. Diante de tal realidade consideramos importante que o jovem reflita sobre sua vida, sobre o seu meio e sobre si.

Dessa forma, compreendemos que as questões referentes ao projeto de vida para jovens torna se um assunto de maior importância, na medida em que estes vivenciam um contínuo processo construção de si, traçando caminhos para realização de seus projetos.

As transformações por que passa nossa sociedade, como a globalização da economia, o comércio no mundo, os avanços tecnológicos, as modificações nos valores sociais etc, são questões que ameaçam os projetos dos jovens que, como já foi mencionado, por si só, já se encontram em uma fase de grandes transformações. Imersos em uma sociedade

que apresenta uma perda de valores antes considerados tradicionais, o jovem pode se apresentar muitas vezes confuso e indeciso.

O conceito projeto de vida não parece ser algo muito trabalhado por teóricos das várias áreas. Entendemos que este conceito é relativamente novo e propomos investigá-lo e, quem sabe, podermos contribuir para ampliação de idéias centrais de tal conceito. Vigotski (1999), em seu texto *O significado histórico da crise da Psicologia*, fala sobre as descobertas na ciência, a utilização de conceitos como instrumentos para se conhecer fatos, a modificação dos conceitos e a criação de novos e eliminação dos que se tornam inúteis. Demonstra, assim, as transformações que a ciência percorre ao longo de sua trajetória, e as influências históricas que se entrelaçam nesse caminho.

Não podia ser de outra forma: se a ciência só descobrisse fatos, sem ampliar com isso os limites dos conceitos, nada descobriria de novo; permaneceria estancada, se limitaria a encontrar a cada vez novos exemplares dos mesmos conceitos. Todo novo grão de um fato já é ampliação do conceito. (VIGOTSKI, 1999, p. 239).

Vigotski (1999) acrescenta que os conhecimentos científicos devem sofrer adaptações, a partir de dados objetivos estudados por uma determinada ciência em relação às particularidades dos fatos. Põem em evidência as influências que o substrato sócio-cultural de uma época tem sobre a ciência, além de pertinentes à própria ciência (VIGOTSKI, 1999).

Por projeto de vida, entendemos eixos orientadores que significam uma visão de futuro, a partir do aqui-agora de perspectivas, planos, anseios, a respeito de trabalho, profissão, vida familiar e desejos relevantes que conferem sentido de vida para uma pessoa.

O antropólogo Gilberto Velho (2003) trata deste conceito em seu livro *Projeto e Metamorfose - Antropologia das Sociedades Complexas*. Nesta obra, o autor se ocupa da questão do indivíduo e da sociedade abordando o que denomina de *projeto e campo de possibilidades*. O autor não se refere a projeto de vida, se restringe ao termo “projeto”, no entanto, o sentido deste termo se aproxima ao significado do que nos propomos a trabalhar. Velho (2003) desenvolve a idéia de que “projeto” se entende como conduta organizada com o intuito de se alcançar finalidades específicas. O autor expõe que: “O projeto é a antecipação no futuro dessas trajetórias e biografia, na medida em que busca, através do estabelecimento de objetivos e fins, a organização dos meios através dos quais esses poderão ser atingidos” (VELHO, 2003, p.101).

Percebemos que o projeto é algo que se localiza em um determinado presente, mas que, ao mesmo tempo, se refere a um futuro que é antecipado. O projeto não se desvincula da realidade (meio social e outros indivíduos) e por isso se constrói em acordo com esta. É o que Velho (2003) designa como sendo a negociação com a realidade, com a qual o indivíduo se depara ao elaborar e refletir sobre seu projeto.

O referido autor salienta que, mesmo sendo os *projetos* algo de cunho particular, é notável a interação dos sujeitos dos projetos com outros indivíduos, de modo que possam partir do que Velho (2003) chamou de *campo de possibilidades*. Esse campo é circunscrito dentro de uma realidade histórica, social e cultural que se torna o fundo, enquanto o projeto ocupa o lugar de figura para este indivíduo. Uma pessoa pode ter projetos diferentes e até mesmo contraditórios. Isso pode ser compreendido quando se leva em conta que essa realidade que subjaz o projeto faz parte do que se denomina sociedade complexa.

Velho (2003) discorre sobre algumas características da sociedade atual. A primeira delas se refere à complexidade inerente à sociedade. Na sociedade complexa, como denomina o autor, coexiste diferenciados estilos de vida e visões de mundo. Nesta realidade de multiplicidade os indivíduos também se mostram a partir de uma pluralidade, na medida em que assumem vários papéis a partir de diferentes planos em que transitam (trabalho, família, amigos, comunidade, grupos religiosos etc). Aqui fazemos um paralelo com o conceito de *Identidade Metamorfose* de Antônio Ciampa (2001), onde o indivíduo assume vários *personagens* que viabilizam uma infinidade de possibilidades de existência, que acompanham a construção permanente da identidade do sujeito, explicitando seu caráter processual e dinâmico. E, assim como as pessoas mudam, seus projetos também estão passíveis de transformações. Em uma relação dialética, também entendemos que os projetos mudam as pessoas.

Velho (2003) também faz referência ao termo metamorfose, quando faz a designação de *potencial de metamorfose* dos indivíduos das sociedades complexas. O autor explicita:

A metamorfose de que falo possibilita, através do acionamento de códigos, associados a contextos e domínios específicos - portanto, a universos simbólicos diferenciados - que os indivíduos estejam sendo permanentemente reconstruídos. Assim, eles não se esgotam numa dimensão biológico-psicologizante, mas se transformam não por volição, mas porque fazem parte, eles próprios, do processo de construção social da realidade. (VELHO, 2003, p. 29-30).

Segundo o autor: “O trânsito entre os diferentes mundos, planos e províncias é possível, justamente, graças à natureza simbólica da construção social da realidade” (VELHO, 2003, p.29). Percebemos uma importância crucial nessa capacidade do ser humano de simbolizar, para que esse processo sirva de mediação para apropriação do social.

Outra característica das sociedades complexas apontada por Velho (2003) é a que fala da intensa troca cultural presente nas sociedades moderno-contemporâneas. Fenômenos como: migrações, viagens, encontros internacionais, cultura e comunicação de massa viabilizam essas trocas culturais. O autor aponta que: “Os indivíduos modernos nascem e vivem dentro de culturas e tradições particulares. [...] Mas, de um modo inédito, estão expostos, são afetados e vivenciam sistemas de valores diferenciados e heterogêneos” (VELHO, 2003, p.39).

Para nossa proposta de investigação, chama atenção o fenômeno de migração - exemplificado como um modo de troca cultural - do qual nos ocuparemos mais adiante. Refletimos que a migração pode ser uma possibilidade de escolha feita por adolescentes da zona rural, que almejam se deslocar, migrar para uma zona urbana.

Velho (2003) estabelece como certo o fato de que, por as sociedades não serem simples e homogêneas, a vida social carrega consigo as possibilidades de interação das diferenças. O autor chama a atenção para questão das cidades metropolitanas.

A multiplicação e a fragmentação de domínios, associadas a variáveis econômicas, políticas, sociológicas e simbólicas, constituem um mundo de indivíduos cuja identidade é colocada permanentemente em cheque e sujeita a alterações drásticas. O trânsito intenso e freqüente entre domínios diferenciados implica adaptações constantes dos atores, produtores de e produzidos por escalas e valores e ideologias individualistas constitutivas da vida moderna. (VELHO, 2003, p. 44)

Dessa forma, a vida nas metrópoles, como um modo específico de definição da realidade, conduz o indivíduo a vivenciar um estilo de vida repleto de contradições. De forma enganosa, uma grande cidade, com seus múltiplos estímulos, parece ofertar muitas possibilidades de escolha para o sujeito. Nela existem milhares de pessoas convivendo em espaços comuns, mas que, na maioria das vezes, estão cada uma imersa em seu mundo particular, em uma expressão individualista de existência. Torna-se comum nos espaços urbanos a questão da apartação social, divisão nítida (econômica) entre espaços dos ricos e espaços dos pobres.

Encontramos em Velho subsídios para caracterizar brevemente essa sociedade chamada de complexa - sociedade esta que compõe a realidade dos adolescentes focos de nossa pesquisa. Quando nos questionamos sobre seus projetos de vida, é válido que estejamos atentos tanto para quem é o sujeito em questão, como para quais características compõem o cenário de sua realidade social.

Ainda em relação à sociedade atual, Costa (2004) argumenta que uma das conseqüências decorrentes da crise da modernidade consiste no fato de que o indivíduo encontra-se diante do enfraquecimento de instâncias tais como: a família, o trabalho e a religião. Ou seja, atualmente não existe mais tão nítido um padrão a ser seguido, prevalecendo às multiplicidades de normas, condutas e modelos. Com o detrimento destas instituições, Costa (2004) mostra que o indivíduo passa a se basear em dois eixos de suporte, o narcisismo e o hedonismo. Narcisismo entendido como individualismo exacerbado e hedonismo como uma conseqüência da dinâmica identitária narcisista. O autor afirma:

[...] o sujeito da moral hodierna teria se tornado indiferente a compromissos com os outros - faceta narcisista – e a projetos pessoais duradouros - faceta hedonista. O sentido da vida deixou de ser pensado como um processo com finalidades a longo prazo e objetivos extrapessoais (COSTA, 2004, p.186).

Assim, diante do imediatismo preponderante, torna-se mais complicado para os sujeitos se posicionarem diante de algum projeto de vida. Fato este agravado mais ainda pelo que Costa (2004) coloca sobre o sujeito moderno que se pauta na identidade narcisista e com isto acaba favorecendo uma insensibilidade às questões coletivas e sociais. O sujeito tende a se envolver apenas com compromissos particulares, além de permanecer preso ao presente. É incapaz de antecipar problemas, questões a serem pensadas, não exercendo muito a capacidade de elaborar projetos de vida.

Costa (2004) defende a hipótese de que as instâncias tradicionais não deixaram completamente de exercer domínios sobre os indivíduos. O que passou a ocorrer foi o que denominou de “privatização” de tais instâncias. Ao invés de serem eleitas universais, passam a atuar a partir de uma multiplicidade, tendo efeito de acordo com cada caso, não vigorando de modo homogêneo. Assim, pensamos como um ponto favorável à liberdade que o sujeito tem de poder se adequar a uma pluralidade de valores, tradições e padrões de comportamento.

Giddens (2002), outro autor a tecer reflexões sobre características do indivíduo contemporâneo, traz considerações relevantes para posicionarmos o sujeito como um ser ativo e capaz de lidar com as inúmeras mudanças que o cercam. O autor pensa a capacidade do indivíduo de refletir sistematicamente sobre o curso da sua vida. As condições da sociedade atual têm facilitado ou não tal capacidade humana? Essa questão se relaciona diretamente com a capacidade de tecer projetos de vida, sendo essa problemática, mais especificamente com o público jovem, algo que elegemos como um ponto importante a ser investigado.

O autor afirma: “A arte de estar no presente gera a auto-compreensão necessária para planejar para frente e para construir uma trajetória de vida de acordo com os desenhos íntimos do indivíduo.” (GIDDENS, 2002, p.71). Neste sentido, torna se mais fácil estabelecer projetos de vida na medida em que o presente não se desvincula do passado, nem do futuro, como avaliou Gilberto Velho (2003).

Para Giddens (2002), quando o sujeito “toma conta de sua vida” ele entra em contato com o risco de enfrentar a diversidade decorrente das possibilidades abertas. Porém, somente dessa forma, alcançará a plenitude de uma vivência ativa e compromissada com seu eu. O autor propõe então a reflexividade do eu. A prática de tal reflexividade poderia ser compreendida de maneira que:

A cada momento, ou pelo menos a intervalos regulares, o indivíduo é instado a se auto-interrogar em termos do que está acontecendo. Começando com uma série de perguntas feitas conscientemente, o indivíduo se acostuma a perguntar ‘ como posso usar este momento para mudar? (GIDDENS, 2002, p. 75)

Acreditamos ser essa uma condição pela qual o indivíduo se torna responsável por si e pelo social. Tal processo é contínuo e proporciona o auto-questionamento necessário para que o indivíduo seja o autor de sua vida. Vale ressaltar que, se na vida pré-moderna o indivíduo não tinha muitas escolhas, na condição da modernidade a pluralização de escolhas torna-se algo que permeia a vida das pessoas de forma intensa. Se o sujeito não desenvolve recursos psíquicos para lidar com inúmeras escolhas, pode vir até a desenvolver quadros patológicos. A reflexividade pode então vir a ser uma alternativa saudável para que as pessoas estejam mais conscientes de si e da realidade social nos tempos atuais.

A questão das escolhas é para Giddens (2002) um componente fundamental da atividade diária humana. Algo que sempre se encontra presente em qualquer cultura. O autor

estabelece algumas conseqüências disso. Uma delas é o que entende como sendo inevitável para o sujeito: a escolhas de estilos de vida. É quase uma obrigação o fato de o sujeito ter de escolher um estilo de vida quando vive inserido em um mundo plural de práticas sociais. O estilo de vida se atrela à identidade, como uma das dimensões que a define. Como demonstra o autor: “Os estilos de vida são práticas rotinizadas, as rotinas incorporadas em hábitos de vestir, comer, modos de agir, e lugares preferidos de encontrar os outros [...]” (GIDDENS, 2002, p.80). Acrescenta que as noções de estilo de vida não se restringem às áreas ligadas ao consumo, mas a todas as instâncias da identidade, que está permanentemente em devir.

A existência de uma pluralidade de escolhas não significa que todos têm alcance a todas as escolhas. Essas são influenciadas pelas variáveis socioeconômicas, assim como pelas influências dos grupos sociais. Aqui se faz necessário lembrar como os jovens são particularmente afetados pelos grupos de iguais. Osório (1989) afirma que a formação de grupos de iguais vem favorecer a resolução da crise de identidade, tão comum nesta fase de vida. Quando o autor se refere ao termo “grupo de iguais” o designa como sendo uma caixa de ressonância para as ansiedades existenciais típicas do adolescente. Os pais serão deixados de lado em relação a modelos de identificação, os amigos ganham então espaço significativo neste aspecto.

Ainda em relação aos estilos de vida, Giddens (2002) coloca que estes também são influenciados pelos ambientes ou locais pelos quais o indivíduo se move. Como esses locais tendem a ser diversificados, já que diariamente o sujeito tende a trafegar por vários ambientes, os estilos de vida acabam sendo segmentados, ou seja, o sujeito tende a agir de acordo com o ambiente em que ocupa.

Outro ponto influenciador dos estilos de vida se relaciona com a questão das crenças que são garantidas ou não na modernidade. Somos levados à condição cartesiana da dúvida metódica a partir da reflexividade, como já foi anteriormente mencionado. Diante de inúmeras possibilidades, não há como definir uma verdade única e imutável, tudo se torna passível à dúvida e ao questionamento. Giddens (2002) atribui importância ao que designa *planejamento estratégico da vida*, que pode ser entendido de forma análoga, na mesma perspectiva do que focamos nessa pesquisa: projeto de vida. De acordo com o autor: “O planejamento da vida é um meio de preparar um curso de ações futuras mobilizadas em termos da biografia do eu” (GIDDENS, 2002, p.83). Seria uma forma de colocar a

reflexividade em prática, de modo que o sujeito se preparasse para o futuro, retrabalhando seu passado e estando compromissado com seu presente.

Outro fator relevante é a influência da mídia, que foi fortemente intensificada a partir dos processos acelerados de globalização e desenvolvimento tecnológico. Dissemina-se, por exemplo, direta e indiretamente, vários estilos de vida na TV, que condiciona uma parcela da população a consumir determinados serviços, objetos e até mesmo valores. Como o jovem ainda não tem bem definido seus valores, modos de ser etc, já que se encontra em uma fase da vida onde predomina a contestação aos valores parentais e da própria sociedade como um todo, ele torna-se um ser mais vulnerável a essa influência.

Todas essas idéias são importantes para contextualizar condições que interferem na vida das pessoas na contemporaneidade - mais especificamente na vida dos jovens. Almeida (2003) escreve um livro sobre comportamento juvenil que traz contribuições bastante interessantes. O livro "*Noites nômades: Espaço e subjetividade nas culturas contemporâneas*" trata de uma pesquisa cuja amostra são jovens de classe média do Rio de Janeiro. O foco de sua análise consiste no fenômeno do deslocamento espacial destes jovens na noite carioca. Mesmo se tratando de um segmento específico de jovens, algumas considerações sobre estes indivíduos nos são oportunas.

A autora opta por utilizar o conceito de juventude e não o de adolescência, por considerar o segundo desvinculado das questões culturais, priorizando os fatos biológicos. Já o termo juventude, a seu ver, produz universos culturais específicos. Em concordância com essa idéia, procuramos neste estudo também utilizar o termo juventude. Almeida (2003) também faz referência ao fato da juventude ser algo que na contemporaneidade é disseminado como um estilo de vida. Ser jovem se tornou um estilo de vida. Algo que a mídia, certos setores econômicos e a publicidade, em geral, têm tentado manipular.

Almeida (2003) coloca que uma das condições da contemporaneidade é a existência de identidades instáveis, identidades múltiplas. Na mesma medida, tais identidades que vivem em espaços físicos, como as cidades, também lidam com a fragmentação, já que as metrópoles se apresentam cada vez mais policêntricas (se proliferando em muitas direções) e polifônicas (tendo diversos tipos de culturas). Essas identidades múltiplas nos fazem pensar sobre a questão outrora discutida da queda das instâncias tradicionais; favorecendo uma maior liberdade de escolhas dos jovens diante de seus projetos de vida. Partindo da idéia de que o sujeito não é passivo diante das condições sociais que lhe cercam, pensamos que algumas

condições da sociedade contemporânea podem ser usufruídas de forma criativa pelos sujeitos que se mobilizam em direção ao seu bem estar psicossocial.

No decorrer de seu texto, Almeida (2003) afirma que um dos traços marcantes no que tange à caracterização da sociedade contemporânea são as transformações sofridas pela metrópole (as cidades de uma forma geral) no quesito organização social e espacial. A autora enfatiza as transformações que interferem nos espaços físicos tais como: grandes concentrações urbanas, as migrações e a multiplicação dos lugares de passagem. Em relação a estes últimos, a autora se atém à questão de jovens de uma determinada metrópole que vivem a experiência do deslocamento contínuo, revelando a não fixação destes em relação aos lugares alvos de sua trajetória noturna.

Os jovens dessa cultura específica trafegam pela noite desenvolvendo um modo particular de comportamento e subjetividade. Podem ser reconhecidos como “nômades metropolitanos”. Talvez decorra do fato de as cidades apresentarem inúmeras opções de espaços para as pessoas, que alguns jovens, estando em uma fase de vida onde existe uma marcante necessidade de experimentação, validação de experiências, interesse por explorar novas possibilidades, se tornem “nômades metropolitanos”.

Os lugares considerados de passagem, pelos quais os jovens trafegam, são bastante numerosos. Eles desenvolvem uma experiência instantânea nestes lugares, bem em conformidade com as características modernas de imediatismos, mobilidade, dispersão. Eles circulam pelos lugares de forma incessante, não criando laços mais duradouros, sem fixação. Criam espaços fluxos e interativos. Esse é um modo de expressão de jovens da atualidade

2.2 Afetividade como categoria de estudo

Com base na possibilidade de interação entre fenômenos sociais e psicológicos, elegemos a categoria de afetividade nesse estudo para refletirmos sobre as relações possíveis entre as emoções e os aspectos sociais referentes aos grupos de jovens em foco.

Epistemologicamente, o conceito de afetividade na constituição do conhecimento foi subjugado ao que é negativo e patológico. Existe uma clara ruptura, cisão, entre o emocional e o racional, estabelecendo assim uma nítida dicotomia entre o intelecto e a emoção. A perspectiva histórico-cultural, contrária à dicotomia entre corpo e alma, vem se

opor também a esta cisão (razão e emoção), assim como qualquer outra cisão proposta por alguma teoria.

A autora Bader Sawaia (1999) investiga a categoria da afetividade explicitando uma tentativa de resolução da oposição entre subjetividade e objetividade, propondo uma síntese a partir dessa categoria. Rompe-se assim com o paradigma racionalista e positivista, que reflete no fato de que questões referentes ao racional ao longo da história da ciência, sempre obtiveram um lugar de destaque nos diversos campos do saber. Em contrapartida, estudos que tratassem da emoção e da afetividade não eram evidenciados, mas, antes, relegados ao âmbito da loucura, já que desconhecidos e tidos como aspectos que extrapolavam o controle e o que a sociedade impunha como norma. Ou seja, emoções e sentimentos eram tidos como algo que possibilitava um não-controle, uma desordem dos fatos.

Consideramos importante refletir como determinados conceitos, algumas vezes, são utilizados, pela mídia e pelo senso comum, com intenções utilitaristas e de manipulação, no sentido de que eles gerem práticas excludentes ou normatizadoras. Pois um conceito, dependendo da forma como for utilizado, pode contribuir com práticas opressoras que sustentem visões dogmatizantes, impedindo um esclarecimento mais consciente das pessoas sobre algum assunto.

Sawaia (2002) usa o termo afetividade como fenômeno ético-político, unindo ética, política e afetividade no sentido de demarcar uma ontologia e caracterizar a dimensão social do afeto e a dimensão humana da ética. A autora diz:

[...] recuperação do afeto só é ato de superação da crítica epistemológica se o for na contramão de ênfase em seu caráter de negatividade, de anomia inquietante que perturba a razão e, portanto, de variável a ser adestrada ou usada para explicar as exceções não contabilizadas pelo cálculo estatístico (SAWAIA, 2002, p.12).

Como definição do que seja o afeto a autora se utiliza da conceituação proposta pelo filósofo Espinosa onde afeto corresponde:

[...] as afecções do corpo pelas quais a potência de agir para preservar na própria substância humana é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as idéias dessas afecções na mente. Essas afecções são resultado dos afetos e paixões que se configuram no corpo e na mente, nos encontros entre homens (SAWAIA, 2002, p. 14).

Um dos autores em que Sawaia (2002) se fundamenta para tratar de tal questão é o psicólogo russo Lev S. Vigotski. Percebe que a obra deste autor produz um efeito real sobre a teoria das emoções. Vigotski (2001) se ocupa da questão do psiquismo como sendo constituído por um todo integrado, sendo a emoção uma de suas partes que se conecta com todas as outras. Ele aborda o tema das emoções e mostra que uma séria desvantagem do tradicional antagonismo entre razão e afeto é o fato da psicologia se deparar com a dificuldade de se explicar a gênese do pensamento, incluindo os motivos e as necessidades destes.

Segundo o autor: “Para compreender a fala de outrem não basta entender suas palavras - temos que compreender o seu pensamento. Mas nem isso é suficiente - também é preciso que conheçamos sua motivação” (VIGOTSKI, 2001, p.188). Essa idéia se associa à idéia defendida pelo autor de que todos os pensamentos que antecedem as falas têm uma tendência afetivo-volitiva, ou seja, são gerados por emoções.

Percebemos o afeto como algo que se encontra na base das escolhas humanas. Como se este assumisse a posição de uma força motriz que interfere nas atitudes dos indivíduos. Os afetos interferem nos pensamentos, que por sua vez irão influenciar as escolhas, atitudes e opções que priorizamos ao longo de toda a nossa existência. Ação e pensamento são motivados. Esta idéia está em conformidade com a visão não dicotômica entre razão e emoção. A emoção é, pois a base dos pensamentos e das ações, como se fosse o combustível que impulsiona o movimento de um automóvel. Como enunciou Vigotski (2001), a tendência afetivo-volitiva está por trás do pensamento. Então, não se concebe um pensamento que não seja motivado.

Sawaia (2002) chega a concluir que: “... a afetividade tinha o potencial de ser um microcosmo, onde se cruzam, num processo de transmutação, o social e o psicológico, permitindo, dessa forma, analisar questões sociais, sem perder o homem de carne e osso” (SAWAIA, 2002, p.07). Sawaia (1999) propõe que o estudo da afetividade pode ser um meio de se compreender o problema da desigualdade social e a dialética da inclusão/exclusão social. Essa perspectiva coloca as emoções como algo de cunho social, e, portanto, como um fenômeno histórico, que por sua natureza se encontra em constante devir. A autora explica que o sentido de classificar as emoções como uma questão ético-política serve para que a Psicologia possa introduzir o sujeito nas análises econômicas e políticas necessárias para o desenvolvimento social do país. Assim, a ética passa a englobar aspectos psicológicos sociais

e políticos. A organização social influencia na maneira como as pessoas se tratam intersubjetivamente. O sofrimento analisado ético-politicamente vem denunciar questões sociais que envolvem relações de opressão/opressor, dominador/dominado, que ocorrem nas vivências cotidianas das pessoas. Ainda em relação ao sofrimento ético-político a autora explicita que:

Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria de apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (SAWAIA, 1999, p.104-105).

Tendo em vista o ambiente urbano, Bomfim (2003) investiga a relação entre afetividade e cidade, afirmando que emoções e sentimentos estão intrinsecamente ligados a forma como se conhece uma cidade e para nós o mais importante é, como essas pessoas agem sobre a cidade. Essa ação pode ter um caráter ativo ou passivo, dependendo da forma como os sujeitos são afetados, podendo resultar em bons ou maus encontros na cidade. Para essa investigação, Bomfim (2003) propõem uma metodologia de apreensão dos afetos-os mapas afetivos. A autora consegue sínteses dos sentimentos através de desenhos e metáforas. Por meios dos mapas afetivos, torna-se possível averiguar como pessoas se posicionam diante de uma cidade, de o ambiente onde se vive. Assim, percebemos que ambiente e afetividade podem conjugar dimensões importantes quando se almeja investigar realidades sociais de grupos de pessoas.

Em relação aos espaços públicos e ambientes (rural e urbano), procuramos analisar possíveis interferências destes em relação ao nosso foco de estudo: a juventude. Questionamos então como se estruturam os projetos de vida de jovens que vivem em ambientes distintos, mas submetidos a situações de exclusão social próximas. Para empreender tal objetivo, buscamos contribuição teórica na vertente de estudo da Psicologia Ambiental que será discutida logo em seguida.

A categoria da afetividade será posta em destaque neste estudo, pois acreditamos que sua investigação é relevante para compreendermos a realidade dos jovens frente aos seus projetos de vidas. Lane (1994) apontou que: “... a relevância atribuída ao racional, em nossa cultura, submete as emoções ao seu contrário fazendo com que aquelas não verbalizadas sejam reprimidas vindo a constituir inconscientes” (LANE, 1994, p. 60).

Essa repressão das emoções pode estar correlacionada com a cultura capitalista dominante, que pretende obscurecer as desigualdades sociais e legitimar as relações de opressão por que passa a maioria da população. Acrescenta-se ainda a realidade de instrumentalização dos afetos e do corpo em nossa sociedade. Sawaia (1999): “Saúde e felicidade são mercadorias compradas em prateleiras, sob receita médica” (SAWAIA, 1999, p.106). É o poder da técnica, que segue a lógica do capital. Verificamos as complexas relações entre aspectos individuais e sociais, configurados em uma interdependência interacional, que nos mostra uma realidade de desigualdade social que vem reproduzindo processos de exclusão.

A exclusão não é um estado que se adquire ou do qual se livra em bloco, de forma homogênea. Ela é um processo complexo configurado nas confluências entre o pensar, sentir e o agir e as determinações sociais mediadas pela raça, classe, idade, gênero, num movimento dialético entre a morte emocional (zero afetivo) e a exaltação revolucionária (SAWAIA, 1999, p.110-11).

Pensamos os processos de exclusão ou inclusão, as tendências à potência de ação ou padecimento, assim como qualquer processo de significação do sujeito a partir de sua realidade (social e psicológica), na interação com o meio, onde os homens se constituem intermitentemente, como agentes intencionais agindo sobre um mundo repleto de significados, vivências e objetos culturais que são internalizados. Ocorre uma conversão do social no individual, onde se integram o interno e o externo.

Este processo pode ter como implicação o compromisso histórico dos homens, na medida em que os mesmos têm a possibilidade de se tornar sujeitos críticos que fazem e refazem uma época, anunciando e denunciando situações de opressão, contribuindo dessa forma com transformações sociais. Neste sentido, Freire (1980) lembra que a realidade passa a ser desvelada, desmistificada quando o sujeito sai da posição ingênua e passa a ter um olhar crítico da realidade. Transcendendo situações limites, torna-se possível superar opressões desumanizantes. Então, é justamente o contexto da vida cotidiana dos jovens que será tomado como ponto de análise de aspectos referentes à afetividade dos mesmos. No nosso caso, a realidade da vida cotidiana, considerando as especificidades de ambientes urbanos e rurais do Ceará.

3| PSICOLOGIA AMBIENTAL, CIDADE E MODOS DE VIDA RURAL E URBANO

3.1 A Psicologia ambiental

Para ampliação de nossa compreensão do presente estudo, nos fundamentamos na psicologia ambiental. Moser (1998), em seu texto *Psicologia Ambiental*, define que o objeto de estudo dessa ciência analisa o indivíduo em seu contexto e as inter-relações das pessoas e do ambiente físico e social. Como um dos objetivos de nosso estudo consiste em fazer uma comparação em relação aos projetos de vida de jovens de distintos ambientes (rural ou urbano), pretendemos avaliar como aspectos culturais e ambientais podem influenciar as atitudes destes jovens.

O autor define que:

[...] a especificidade da Psicologia Ambiental é a de analisar como o indivíduo avalia e percebe o ambiente e, ao mesmo tempo, como ele está sendo influenciado por esse mesmo ambiente. É fato bastante conhecido que determinadas especificidades ambientais tornam possíveis algumas condutas, enquanto inviabilizam outras (MOSER, 1998, p.122).

Tratamos de realidades específicas de um meio urbano de Fortaleza e de um meio rural, município de Cruz no interior do Ceará. Moser (1998) exemplifica que os problemas comuns às grandes cidades, tais como os de transporte, moradia, alta densidade demográfica, ruído, poluição - acrescentamos ainda a problemática da violência urbana - podem, dependendo da avaliação e percepção que as pessoas têm sobre eles, influenciar de maneira significativa a vida cotidiana destes indivíduos. Ele se refere ao estresse de habitar uma grande cidade. Entende estresse como o resultado decorrente da interação do indivíduo e o seu contexto físico.

Em relação às grandes cidades o autor menciona:

Quando queremos saber qual o efeito da grande cidade sobre o indivíduo, temos de ver primeiro como se dá sua satisfação residencial com sua moradia, seja apartamento ou casa. Em seguida, conhecer sua satisfação com a vizinhança, depois com o bairro e, aí sim, com a cidade (MOSER, 1998, p. 128).

Fica claro, a partir de colocações de Moser (1998), que diferentes espaços físicos provocam comportamentos variados nas pessoas. O autor chama atenção ainda para o fato de que doenças físicas ou mentais podem surgir em decorrência do descontentamento do indivíduo com o seu ambiente.

Cassab (2001), no texto *Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade trata* de uma pesquisa sobre a construção da subjetividade de jovens urbanos provenientes de segmentos sociais desfavorecidos. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com os jovens, com o objetivo de se conhecer a influência da cidade na construção de escolhas e modos de vida dos sujeitos. A autora afirma:

[...] partiu-se do ponto de vista de que a cidade é outro na constituição da subjetividade destes jovens em processo de exclusão. Mais do que o locus onde essa subjetividade se produz, a cidade se “personifica” e impõe a esses jovens determinadas restrições e/ou possibilidades que se conformam como elementos importantes na configuração dessas subjetividades (CASSAB, 2001, p. 209).

A subjetividade dos jovens, influenciada por aspectos das cidades, traz em si marcas da cultura que se constituem historicamente. As condições específicas de uma cidade que afetam os jovens são refletidas nas distintas maneiras de expressão destes indivíduos.

Ainda tratando das influências ambientais da cidade na vida dos jovens, Cassab (2001), assim como Sawaia (1999), refere-se aos processos de exclusão e inclusão social. No dia-a-dia desses jovens, por meio dos percursos pela cidade, vão delimitando através dos espaços percorridos experiências de serem: morador (onde seu território é desvalorizado, moram em favelas, cortiços, meios suburbanos), consumidor (suas possibilidades de apropriação de bens e serviços são pequenas) e, finalmente, produtor (também são desvalorizados por meio de uma inserção subalterna).

Neste sentido, a cidade torna um “outro” que dialoga com os jovens por meio de processos de identificação e apropriação dos espaços, expressos por visibilidades diferentes, de acordo com cada lugar em que os jovens transitam. Utiliza-se da noção de espaço para trabalhar com a idéia de visibilidade. Quando os jovens transitam em espaços que de costume não lhes pertencem, são identificados como não-cidadãos, passam a ser anônimos. Por meio da análise das falas dos jovens, a autora argumenta que o espaço urbano potencializa o anonimato. Este anonimato acarreta a insegurança do jovem por não ser visto como um

cidadão comum, mas que antes disso, necessita ser vigiado, pois se torna alguém com uma imagem que remete ao estereótipo de um indivíduo suspeito.

A idéia da cidade como um Outro, segundo a autora, possibilita a aprendizagem de questões sobre a dinâmica da cidade que interferem nas produções de subjetividades. Fazemos um paralelo da idéia de Cassab (2001) com a questão do Projeto de Vida dos jovens, na medida em que a produção de subjetividade nas cidades pressupõe: “[...] um jogo de negociações que esses jovens vão travando na garantia de sobrevivência na cidade, através de circuitos de inclusão e exclusão” (CASSAB, 2001, p. 216).

Com base no estudo bibliográfico de perspectivas sobre afetividade, juventude, projeto de vida, mapas afetivos e psicologia ambiental, procuramos nos fundamentar para realização desta pesquisa. Pretendemos contribuir com a discussão, questionamentos, divulgação do assunto e quem sabe, estabelecer uma contribuição em mudanças políticas relacionadas à temática presente.

3.2 Ambiente rural e urbano

Tratar de questões psicológicas de sujeitos de um meio rural não é algo muito comum nas pesquisas em psicologia até o momento. Albuquerque (2002), em seu artigo *Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil*, trata de uma questão bastante crítica e relevante para a prática psicológica, em especial para o exercício do psicólogo social comprometido com os problemas referentes a este ambiente. Ele argumenta que mais da metade dos municípios brasileiros podem ser considerados rurais. Entretanto, os estudos, pesquisas e trabalhos psicológicos, em geral, privilegiam o olhar urbano em detrimento do rural. A partir dessa denúncia, o autor propõe uma reflexão sobre os motivos subjacentes ao fato dessa discriminação nas práticas psicológicas.

A primeira hipótese defendida pelo autor é a de que as pessoas são levadas a lidar mais com os problemas que as cercam. Ou seja, os psicólogos vivem em sua maioria nas cidades, no meio urbano. Conseqüentemente são temáticas dessa abordagem que se tornam o foco de suas atenções. Critica também as metodologias e instrumentos das pesquisas utilizados pela psicologia, que foram criadas a partir de teorias bastante distantes da realidade de pessoas que vivem e, ambiente rural, ou seja, quando transportadas para essa população,

ficam descontextualizadas. Portanto, buscamos uma reflexão crítica que leve em consideração os aspectos históricos culturais destes jovens que vivem em ambiente rural. Buscamos nos respaldar tanto em teorias como em metodologias que estivessem em conformidade com essa realidade.

Pretendemos focar a questão dos modos de vida rural e urbano e sua relação com os projetos de vida de jovens. Para isso também enfocamos as características da cidade na contemporaneidade, para que possamos contextualizar os modos de vida e suas repercussões sobre a subjetividade humana.

No texto “*Sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano*”, Park (1979) argumenta que a cidade pode ser encarada para além dos aspectos meramente físicos e objetivos. Neste sentido, dá ênfase aos processos de relações interpessoais que perpassam a distância de uma cidade. Esta é nada mais do que o resultado de algo produzido pelos homens que, como seres agentes, imprimem suas marcas por meio dos costumes, tradições e hábitos que vão construindo ao longo de sua trajetória histórica e social. Rolnik (1994) também considera a cidade como resultado da ação humana, já que a considera “... uma obra coletiva que desafia a natureza.” (ROLNIK, 1994, p. 08). A cidade pressupõe então um sentido de coletividade, apesar de nela existirem diversas individualidades.

A vida citadina, no dizer de Park (1979), possui inúmeros aspectos. Seja o econômico, geográfico, político, religioso etc. Ela pode ser vista como o habitat, lugar de vida do homem civilizado. Associa-se, portanto, cidade à cultura. Baseado em tal apontamento, o autor propõe um estudo sobre a vida urbana, abrangendo muitos dos aspectos que se referem a esse modo de vida.

A demarcação do que seja urbano e rural parece não ser tão clara como antigamente, já que, como afirma Vêras (2000), o mundo se torna cada vez mais urbano, sendo a cidade o habitat no mundo da modernidade. Para o autor a cidade: “... condensa diferentes facetas ligadas ao mundo econômico, à vida social, à cultura, atingindo os modos de vida, as subjetividades, a comunicação, a questão do território e da alteridade” (VÉRAS, 2000, p.09).

Rolnik (1994) considera que na atualidade o espaço urbano não se encerra no físico, ou seja, nas edificações etc, mas o que na verdade ocorre é uma predominância da cidade sobre o campo. Chega a concluir que com a proliferação de indústrias e vias expressas, as zonas agrícolas serão absorvidas pelos espaços urbanos, até o ponto em que toda a sociedade será considerada urbana. Então passará a não se ter mais a distinção do que seja ambiente rural ou urbano.

Queiroz (1976) já afirmava que essa delimitação entre rural e urbano não é algo fácil de classificar. A autora se embasa na classificação de três tipos de sociedade: a sociedade tribal, a agrária e a urbana. A primeira delas (tribal) se refere à sociedade onde não existe a divergência rural-urbana. A divisão social do trabalho é fraca, não existindo concentração urbana. Já na segunda sociedade (agrária) passa a existir a delimitação entre a cidade e o meio rural, sendo a cidade o centro administrativo e político. O meio rural se configura como setor produtor. Nesse tipo de sociedade existe uma co-dependência entre cidade (consumidora) e meio rural (produtora). O último tipo de sociedade, a sociedade urbana, se caracteriza pela independência que a cidade passa a ter do meio rural. Tal fato ocorre devido ao avanço tecnológico, que vem modificar o trabalho agrário com a utilização de máquinas. A cidade urbana passa a crescer demograficamente de maneira ilimitada. Para Rolnik (1994), na contemporaneidade, a cidade também passa a ser tanto o centro de produção como o de consumo, dominando e configurando o cenário urbano.

As relações entre os homens passam a ter características específicas de acordo com os três tipos de sociedade explicitados anteriormente. Relações face a face, com afetividade, estão presentes nas sociedades tribais. Nas sociedades agrárias se misturam as relações face a face com as indiretas. Nas sociedades urbanas existe uma predominância de relações indiretas sobre as afetivas, sendo estas mais preservadas em pequenos grupos que resistem dentro da sociedade global. Conforme características de cada sociedade, a cidade vai estabelecendo formas de relações (econômicas, sociais e políticas) que influenciarão o modo de vida de suas populações. Enfocaremos um pouco mais sobre as cidades para melhor compreensão da temática.

No panorama do cotidiano de uma cidade, se entrelaçam a organização moral e física, resultando os mais variados traços peculiares desta. Uma das características que o modo de vida das pessoas na cidade possui é o que se entende por processos de segregação. O autor afirma:

Gostos e conveniências pessoais, interesses vocacionais e econômicos tendem infalivelmente a segregar e, por conseguinte a classificar as populações das grandes cidades. Dessa forma a cidade adquire uma organização e distribuição da população que nem é projetada nem controlada (PARK, 1979, p.33).

Em relação aos processos de segregação, compara a cidade a: "... um mosaico de pequenos mundos, que se tocam, mas não se interpenetram" (PARK, 1979, p.67). Essa divisão de mundos gera exclusão social, que afeta principalmente a vida da população mais frágil economicamente. A exclusão social na dinâmica da cidade pode ser vista nitidamente na divisão de bairros dos ricos separados dos bairros que concentram pessoas pobres, onde a infra-estrutura das moradias é bastante precária.

Rolnik (1994) diz que: "Do ponto de vista político, a segregação é produto e produtora do conflito social. Separa-se porque a mistura é conflituosa e quanto mais separada é a cidade, mais visível é a diferença, mais acirrado poderá ser o confronto" (ROLNIK, 1994, p. 52).

Passa a existir aí os 'muros invisíveis' como resultado de uma demarcação social de exclusão entre classes de pessoas que, mesmo vivendo em única cidade, não convivem de forma natural, espontânea no que diz respeito ao tráfego nos mesmos lugares desta cidade. Em algumas cidades, os bairros de ricos e de pobres se localizam em espaços próximos, o que muitas vezes leva a um aumento da violência urbana, já que como mencionamos a convivência entre os diferentes grupos não é pacífica.

Um aspecto interessante apontado por Park (1979) é que os sentimentos dos habitantes de uma cidade são percebidos em aspectos do físico da cidade. Ou seja, a cidade acaba agregando em si aspectos, qualidades dos seus habitantes. O autor utiliza o conceito de vizinhança, que significa "... uma localidade com sentimentos, tradições e uma história" (PARK, 1979, p.34). A vizinhança facilita o desenvolvimento de sentimento local dos habitantes de uma cidade. Para o autor: "A vizinhança - Proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização da vida cidadina. Interesses e associações locais desenvolvem sentimento local..." (PARK, 1979, p.37).

Em relação às grandes cidades, Park (1979) argumenta que o sentimento de vizinhança é desfavorecido no sentido de perder muito de sua significância por causa de

certos aspectos peculiares à vida citadina. Por exemplo, o desenvolvimento, tanto dos meios de transportes, como os de comunicação, facilita a movimentação dos habitantes das cidades, o que faz com que a mobilidade destes seja rápida e freqüente. Logo, a intimidade da vizinhança tende a ser dispensável. Nos centros urbanos, onde o modo de vida das pessoas pressupõe esta mobilidade diária, verifica-se uma menor intimidade entre os cidadãos. Porém, segundo Park (1979), isto já é notado de forma contrária nos lugares de segregação populacional, como as colônias raciais e de imigrantes.

A cidade urbana é a cidade que gira em torno do capital. Milhares de pessoas são atraídas para a cidade devido ao fascínio provocado pelo mundo capitalista. Este propaga ideal de consumo, fomentando a sede de adquirir sempre e cada vez mais bens e serviços. Ao escrever sobre o percurso histórico das transformações das cidades, Rolnik (1994) demonstra que na medida em que o sistema feudal enfraquece, as cidades crescem e extrapolam a produção de subsistência chegando à produção do excedente. Isso vai possibilitar o avanço do mercado e conseqüentemente do consumo. Nas cidades é poderoso o imperativo do ter para poder ser.

Outro aspecto da cidade, como demonstra Park (1979), é o que se refere à cidade como o espaço de possibilidades diversas para o homem. Lugar onde exercer escolhas, opções e vocações. A comparação da cidade com um ímã, feita por Rolnik (1994), onde a cidade exerce a capacidade de atrair incessantemente milhares de pessoas através de uma força magnética constante, é bastante útil quando pensamos nas múltiplas facetas da cidade que geram a atração de pessoas. Dentro da multiplicidade de opções que a cidade vai ofertar, os homens, por meio de competição pessoal, poderão ser selecionados conforme suas condições específicas. A isso se relaciona o processo de racionalização das ocupações.

A divisão do trabalho nos dias atuais está em conformidade com o desenvolvimento de técnicas que se voltam para a lógica do sistema, cabendo aos homens o esforço de buscar a sua sobrevivência diária. No fim das contas, a “diversidade de opções” de uma grande cidade acaba se traduzindo para uma realidade não tão farta para o homem, que, em meio a tantas opções, quase sempre acaba não tendo tantas escolhas, agarrando-se àquela que primeiro lhe aparecer. Percebe-se na verdade um processo ilusório de liberdade, pois na prática as opções que cada pessoa em particular dispõe nem são tão grandes assim.

O fenômeno de pessoas que são atraídas para as cidades não é algo recente. Como apontou Rolnik (1994), já na época do declínio do feudalismo, os camponeses, mesmo

sem uma perspectiva concreta de trabalho nas cidades, fugiam do campo, movidos por um sentimento de libertação.

Usando o termo *mobilidade*, Park (1979) compara o homem citadino com o camponês. Explica que mobilidade tem como correlativo o termo isolamento, representando um caráter e uma condição. Salaria que não precisa necessariamente existir um obstáculo físico para ocorrer mobilidade ou isolamento. A própria educação ou os meios de comunicação podem interferir neste quesito. Park (1967) aponta a existência de uma relação direta entre a imobilidade do homem do campo e sua incapacidade para usar idéias abstratas. O homem camponês desenvolve um conhecimento concreto e pessoal com o qual leva sua vida cotidiana. Sobrevive assim de forma que não conhece nem precisa de outros tipos de saberes como as generalizações científicas. Em contraposição cita os judeus, conhecidos como indivíduos imersos em uma cultura citadina, onde desenvolvem conhecimentos abstratos e ditos científicos. Neste aspecto são mais móveis do que os camponeses.

Véras (2000) lembra que a revolução tecnológica, que interfere nos meios de comunicação, muda a relação do que seja público ou privado, micro ou macro, próximo ou distante. Dessa maneira, com as mudanças da modernidade, os limites entre os lugares, cidades e países são transpostos mais facilmente que no passado. A mobilidade do homem ganha outra dimensão com o advento da era informacional. O avanço da informática altera a relação espaço e tempo nos dias atuais. Segundo Virilio (1993):

A representação da cidade contemporânea, portanto, não é mais determinada pelo cerimonial da abertura das portas, o ritual das procissões, dos desfiles, a sucessão de ruas e avenidas; a arquitetura urbana deve, a partir de agora, relacionar-se com a abertura de um espaço-tempo tecnológico” (VIRILIO, 1993, p.10).

Virilio (1993) lembra que, com os objetos eletrônicos frutos da tecnologia de ponta (satélites, TV, cabos de fibra ótica etc), é possível ter acesso a lugares diversos de forma instantânea, ocorrendo uma modificação do tempo real.

Rolnik (1994) relaciona a revolução industrial com a fomentação dos movimentos migratórios para as cidades. Segundo a autora, as cidades são: “... transformadas em pólos de atração para massas de imigrantes de regiões e países os mais variados, as cidades passaram a ser sinônimos de heterogeneidade cultural e étnica” (ROLNIK, 1994, p.79). Dessa forma, as características das cidades urbanas que se tornam mais intensas a partir dos avanços

industriais, afetam a condição de vida das pessoas que se deslocam de seus ambientes de origem em busca de novas oportunidades de trabalho. Com relação ao Brasil, a migração ocorre não somente entre estados, mas também entre países. Um exemplo disso é a história de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, que foram palco de imigração de italianos, espanhóis e portugueses. Rolnik (1994) denuncia um caráter contraditório das cidades industriais, que é o fato do aumento da violência. Refere que o avanço industrial é ao mesmo tempo avaliado como potência de criação e de destruição.

As condições contextualizadas de cada tipo de homem (rural ou urbano) determinam seus modos de vida e, portanto, a organização de distintos grupos sociais no lugar onde moram. Além do que, a vida nas grandes cidades faz com que as relações se tornem impessoais e racionais, o que, segundo Rolnik (1994) leva à definição de interesses movidos por dinheiro, sendo este o centro e a causa das grandes resoluções econômicas, sociais e políticas. Isso nos leva a pensar que a economia também interfere nos processos de mobilidade das populações, que são levadas a permanecer ou não no lugar onde moram de acordo com as mudanças no âmbito econômico.

A população urbana é nitidamente marcada em seus hábitos, costumes e modos de vida. O reflexo das mudanças acarretadas em virtude dos avanços advindos da revolução industrial e tecnológica marcam a modernidade. Podemos exemplificá-los por meio de tais eventos: modificações nos meios de comunicação, nos transportes, na informática etc. Damergian (2001) coloca que o significado do termo urbanidade em francês, até o século XIX, correspondia às qualidades de descendência, cortesia e distinção, que eram características dos modos de vida das cidades. Nesta época, por exemplo, não existia violência urbana. Entretanto, este modo de vida já se encontra bastante diferente nos dias de hoje. Nas cidades, as relações face a face são substituídas por relações homem- máquina. Park (1979) argumenta que as relações diretas (face a face) nas grandes cidades enfraquecem em detrimento de relações indiretas e secundárias. Para Park (1979), grupos primários são caracterizados por associação e cooperação íntimas face a face que:

Psicologicamente, o resultado da associação íntima é uma certa fusão de individualidades em um todo comum, de tal forma que o próprio ser individual, pelo menos para muitos fins, é a vida e o propósito comuns do grupo. Talvez a mais simples forma de se descrever essa totalidade é dizer que é um nó; ela envolve esse tipo de simpatia e identificação mútua para as quais 'nós' é a expressão natural. Cada um vive no sentimento do todo e encontra os objetivos primordiais de sua vontade nesse sentimento (PARK, 1967, p.51).

Verificamos então que há uma preponderância de um sentimento de impessoalidade nas relações. O nó a que se refere Park (1979) é substituído por dispersão, distância e superficialidade. Segundo o autor, instituições tradicionais como igreja, escola e família são modificadas nas cidades. Funções anteriormente exercidas pela família têm sido incluídas no papel educacional das escolas. O autor tem a hipótese de que uma causa para o aumento dos crimes nas cidades é justificada em decorrência das rupturas das uniões locais. Park (1979) argumenta que, nas grandes cidades, ao mesmo tempo em que se multiplicam as oportunidades das pessoas de terem contato com seus semelhantes e com outras instituições, a qualidade desses contatos é de uma transitoriedade e instabilidade. Compara a habitação das pessoas na cidade com a permanência de indivíduos em um grande hotel. Sugere que as relações íntimas e permanentes, próprias de comunidades menores, são substituídas por relações casuais e fortuitas.

Um fato notável é a atração que milhares de pessoas desenvolvem em relação às grandes cidades. A multiplicidade de opções de uma cidade parece fascinar aqueles que estão em busca de diversidade e novas possibilidades. Park (1979) considera que: "... a atração da metrópole é em parte devida ao fato de que a longo prazo cada indivíduo encontra em algum lugar entre as variadas manifestações da vida citadina o tipo de ambiente no qual se expande e se sente à vontade..." (Park, 1979, p.68). Atribui essa vontade a algo da esfera primitiva, inata, que cada ser possui. Além disso, relaciona o fato da pouca tolerância que comunidades pequenas têm sobre aqueles que são diferentes, que fogem ao padrão determinado pela sociedade. Afirmo que as comunidades pequenas quase não aceitam individualidades excêntricas, ao passo que as cidades grandes, ao contrário, recompensam a alteridade. Afirmo: "Nem o defeituoso, nem o gênio, tem na cidade pequena a mesma oportunidade de desenvolver sua disposição inata que invariavelmente encontra na cidade grande" (PARK, 1979, p.68).

A cidade pode abarcar o diferente, a alteridade em alguns casos, mas isso não significa dizer que realmente existam espaços igualitários para todos. Como já foi analisado, a segregação e exclusão social são vividas de forma intensa nas metrópoles. Na realidade de exclusão social presente nas grandes cidades, a diferença do outro é transformada em inferioridade. O que pode ser visto como antagônico, já que poderíamos supor que nas cidades, que possuem diversidades tão grande de lugares, haveria de ter espaço para todos

Como avaliou Verás: “Se a cidade global tem a face de muitos lugares, marcas de outros povos, diferentes culturas, por ser lugar de imigração, é também espaço de não lugares, do transitório, do não identitário e histórico” (2000, p.18).

Um exemplo que aqui se faz oportuno avaliar é a migração de sertanejos para as metrópoles. Muitos deles se deslocam de seus lugares de origem para fugir da seca com a esperança de uma vida melhor. Ocorre que na maior parte dos casos não são bem sucedidos em seus objetivos e passam a compor o cenário de fome e pobreza típico das grandes cidades. São desenraizados culturalmente e jogados na dureza da vida urbana que não os absorve no mercado de trabalho. Essas pessoas passam se transformar em mão-de-obra barata, desempregados ou subempregados. O autor avalia que:

O sofrimento do migrante se intensifica quando o sonho tornado pesadelo o leva a juntar-se àqueles que perambulam pelas ruas sem direito a nada, nem mesmo ao olhar de acolhimento por parte dos passantes que, temerosos, deles se esquivam ou, indiferentes, não os vêem. Submetidos a toda a sorte de violência, muitas vezes sucumbem às drogas e ao álcool como forma de preencher o vazio de suas existências, queimados vivos como coisas, restos inúteis dos quais a sociedade se desfaz sem culpa (DAMERGIAM, 2001, p. 102).

O espaço urbano, cenário de desigualdade social, provoca o desenraizamento cultural de migrantes, mas não só deles; boa parte da camada popular também sofre essa exclusão. Segundo Darmerdian (2001), há um processo de eliminação da heterogeneidade em prol da heteronomia da vontade. A sociedade despreza o dessemelhante tentando eliminá-lo em muitas situações.

Em relação ao panorama de uma metrópole, o autor elenca tais pontos:

[...] violência crescente, desconsideração pela vida humana, corrupção desenfreada, ausência de limites, que se traduz pela impunidade diante das transgressões à lei, absoluta falta de atenção dos poderes públicos pelas necessidades e problemas da população, falta de solidariedade, miséria convivendo com a mais alta concentração de renda do país, aumento da exclusão refletindo-se no aumento do número de moradores de rua, marginalidade e criminalidade crescentes, ausência de opções de lazer, falta de trabalho e sentido para a vida de milhares de adolescentes e jovens da periferia, impedidos de viver, sonhar e elaborar um projeto de vida (DAMERGIAM, 2001, p. 95-96).

A autora escreve especificamente sobre a metrópole paulistana, mas ao tecer o panorama desta (desolador), não exclui a realidade apresentada para o perfil descritivo de

outras metrópoles brasileiras. Sua idéia é a de que vivemos uma crise da subjetividade, que é a crise da humanidade. Teríamos que refletir sobre a possibilidade de uma revalorização do humano numa sociedade narcísica que valoriza mais o ter do que o ser.

Neste contexto, considerando seja a realidade rural, seja a urbana, investigamos a relação dos jovens com seu projeto de vida, a partir dos motivos afetivo-volitivos, entendidos como a base das palavras e do pensamento expressos pelos jovens imersos em relações sociais existentes em sua cultura (VIGOTSKI 2001). Pretendemos fazer com este estudo, portanto, a ponte entre o sujeito individual e a estrutura social. Nos fundamentamos na investigação da afetividade (sentimento e emoções), evidenciando o caráter social das emoções. Para tanto, tivemos como objetivos:

- GERAL:
 - Analisar os projetos de vida de jovens de ambiente rural no município de Cruz (CE) e de jovens de ambientes urbanos em Fortaleza, a partir da afetividade (sentimentos e emoções) em relação às localidades da qual fazem parte.

- ESPECÍFICOS:
 - Identificar projetos de vida de jovens do ambiente rural e urbano.
 - Investigar como os ambientes urbanos e rurais podem influenciar na construção dos projetos de vida de jovens.
 - Verificar se existe alguma relação entre migração de jovens do meio rural e urbano com seus projetos de vida.

5| PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

5.1 Tipo de estudo

Em termos de profundidade, o estudo será do tipo exploratório¹, de referência transversal, quanto ao tempo de execução, e terá como perspectiva o modelo de investigação humanista-interpretativo que, segundo Almeida (1997), comumente é designado de investigação qualitativa.

5.2 Sujeitos e local do estudo

A pesquisa contemplou dois grupos de jovens. Um dos grupos foi composto por 19 jovens que vivem em ambiente rural do município de Cruz-CE e o outro foi formado por 19 jovens que vivem em ambiente urbano da cidade de Fortaleza, totalizando 38 sujeitos pesquisados.



FIGURA 2- Mapa geográfico dos bairros de Fortaleza

FONTE: http://ceara.com.br/cepg/mapa_ceara.htm

¹ Conforme Cruz (2004, p.2), a classificação de um estudo exploratório está relacionada à profundidade do modelo de investigação científica. “Um estudo exploratório objetiva o levantamento de hipóteses para explicar o fenômeno estudado”.

A amostra do tipo intencional foi composta por procedimento não-probabilístico, conforme os seguintes critérios de especificação da população: sujeitos jovens (entre 13 e 19 anos), de ambos os sexos e indicados por um líder da comunidade.

A intencionalidade na escolha dos sujeitos do estudo deveu-se a facilidade de contato com grupos de jovens dos dois locais onde o estudo foi realizado. Procuramos investigar dois grupos de realidades sociais parecidas. Realidade esta, composta por jovens submetidos à exclusão social.

O grupo amostral de jovens de ambiente rural, foi composto por moradores do município de Cruz-CE, indicados por uma integrante das Associação dos Moradores do Córrego das Panelas (AMCP). Alguns tinham estudado na Escola Família Agrícola, outros não. Já no grupo de ambiente urbano, foram sujeitos do contingente de jovens que fazem parte do Movimento Encontro de Jovens Shalom (MEJSh), moradores dos bairros: Joaquim Távora Pio XII, São João do Tauape, Monte Castelo, São Gerardo, Parquelândia, Ellery, Rodolfo Teófilo e Barra do Ceará.

Para fundamentar a elaboração do instrumento, foi feito um pré-teste com vinte sujeitos, sendo dez de ambiente urbano e dez do rural. Salientamos a importância do pré-teste, pela possibilidade de revisão e de direcionamento dos aspectos da investigação e das variáveis da pesquisa (Richardson, 1999).

5.3 Instrumento gerador dos mapas afetivos

Este último instrumento metodológico busca acessar os sentimentos por intermédio de desenhos, metáforas e palavras. Bomfim (2003) reconhece o desafio que é trabalhar com emoções e sentimentos. Fundamentada em Vigotski (2001), considera os afetos como parte do subtexto da linguagem. Para entendermos o pensamento de uma pessoa, torna-se necessário entendermos sua base afetivo-volitiva. Entendemos, então, que os mapas afetivos, podem ser um caminho para alcançar o sentido que está velado nos significados das palavras. As metáforas, por sua capacidade de síntese pela analogia, também cumprem este objetivo.

De acordo com Bomfim: “As metáforas podem ser formas eficazes de apreensão dos afetos, porque vão além da cognição. Seu alvo maior é a conquista da intimidade” (2003, p. 131). Faremos, portanto, uma adaptação do método criado por Bomfim (2003) em sua

pesquisa, fruto de seu doutorado, intitulada “Cidade e Afetividade: Estima e construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e São Paulo”.

O instrumento gerador de mapas afetivos foi utilizado para investigarmos possíveis relações entre a variável afetividade (emoções e sentimentos) dos jovens de ambientes urbanos e rurais e seus respectivos projetos de vida. Acompanhando o instrumento, utilizamos um roteiro de entrevistas com perguntas abertas para entendermos quais os projetos de vida dos jovens. O roteiro nos proporcionou uma descrição deste, revelando suas principais características, bem como a dos próprios jovens e de sua realidade cotidiana. Acreditamos que a relação do jovem com o lugar onde mora, bem como com sua comunidade, relaciona-se com seus projetos de vida. Em vista disso, elegemos perguntas que se dividem em blocos de temas, tais como: projeto de vida, casa, comunidade, bairro/localidade, cidade/município e trabalho/profissão.

5.3.1 Explicação dos itens do instrumento gerador dos mapas afetivos

O instrumento gerador dos mapas afetivos é composto pelos seguintes itens: desenho, significado do desenho, sentimentos, palavras sínteses e categorias da escala Likert.

Segundo Bomfim (2003), o desenho permite uma deflagração das emoções e sentimentos. A autora ressalta que a interpretação deste é feita pelo próprio sujeito investigado. O significado do desenho é o momento em que o indivíduo explicará o que quis representar com o desenho. Nos sentimentos, é solicitado do sujeito que expresse e descreva os sentimentos suscitados a partir do desenho. Em palavras sínteses, o sujeito tem a oportunidade de resumir ainda mais os sentimentos evocados a partir do desenho. O respondente elenca seis palavras sínteses que podem variar entre sentimentos, substantivos ou qualidades que o indivíduo atribui ao seu desenho.

Por fim, temos as categorias da escala Likert. Essas categorias correspondem a afirmações que se baseiam em dimensões levantadas no momento do pré-teste, voltadas para a avaliação dos sujeitos em uma escala de 0 a 10. Tais afirmações poderão se enquadrar em distintas dimensões como a de Pertinência (sentimentos, emoções ou palavras de identificação com o lugar); Contrastes (sentimentos, emoções e palavras que se contradizem); Agradabilidade (palavras que demonstram sentimentos de vinculação ao lugar onde os jovens moram em relação às qualidade positivas); Insegurança (sentimentos e palavras que envolvem

situações inesperadas, instáveis e até negativas). No instrumento, não é esclarecido ao respondente a que categorias pertencem tais afirmações. Seguem abaixo as categorias obtidas a partir do pré- teste, com algumas frases que as exemplificam.

a) **CONTRASTE**: nesta categoria se fazem presente emoções, sentimentos e palavras contraditórias e que se polarizam de forma positiva e negativa.

- O lugar onde moro é bastante confortável, mas as pessoas que habitam nele passam por algumas dificuldades.
- O lugar onde moro tem momentos de paz e tranqüilidade como também momentos de agitação e movimento.
- O lugar onde moro tem uma administração com momentos bons e ruins.
- O lugar onde moro é bonito por suas paisagens e pessoas hospitaleiras e feio pela miséria, violência e desigualdade social.

b) **AGRADABILIDADE**: nesta categoria se fazem presentes palavras relacionadas a sentimentos de vinculação ao lugar onde moram, exaltando suas qualidades positivas.

- O lugar onde moro é calmo, acolhedor, tranqüilo e bom de viver.
- O lugar onde moro tem muita alegria, pois é bastante visitado pelas pessoas.
- O lugar é bonito, com belas paisagens.
- O lugar onde moro me transmite bem estar.

c) **PERTINÊNCIA**: nesta categoria se fazem presentes os sentimentos, emoções e palavras de identificação do indivíduo com o seu entorno.

- O lugar onde moro me faz sentir parte dele, pois a maioria das pessoas são amigas.
- O lugar onde moro é importante para mim.
- Sinto orgulho do lugar onde moro.

d) **INSEGURANÇA**: nesta categoria se fazem presentes os sentimentos, emoções e palavras que sugerem aspectos instáveis, negativos, inesperados, o que o indivíduo sente em relação ao seu entorno.

- O lugar onde moro gera medo.
- O lugar onde moro me faz sentir triste e por fora de tudo.
- O lugar que moro precisa ser reconstruído e mudado.
- O lugar que moro é uma ilusão de ótica.
- O lugar onde moro destrói a natureza.

5.4 Características sócio- demográficas:

É última parte do instrumento da pesquisa onde se questionam as variáveis sócio-demográficas: sexo, idade, origem, lugar e estado de residência atual, tempo de residência no lugar, pretensão de permanecer no lugar, escolaridade, situação laboral.

5.5 A coleta de dados

Antes da coleta de dados, a pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética da UFC. O primeiro procedimento para a coleta de dados constou da realização de um pré-teste com 20 jovens de ambiente urbano e rural (dez de cada meio). O pré-teste visa à adaptação do instrumento gerador de mapas afetivos de Bomfim (2003) aos sujeitos deste estudo, pela modificação de termos (palavras), e a construção de uma escala tipo Likert (1977), também voltada para a população de jovens de ambiente rural e urbano do Estado do Ceará. O segundo procedimento seguiu-se com a aplicação de mais 18 instrumentos geradores do mapas afetivos já com escala Lykert - sendo nove de cada ambiente (urbano e rural).

O instrumento foi aplicado aos sujeitos da amostra do estudo, da mesma forma que fora realizado o pré-teste, a saber: identificação de jovens que possam aceitar o convite de participar da pesquisa, através do contato com jovens de lideranças comunitárias dos ambientes rural e urbano; aplicação do instrumento em grupos de jovens ou de modo individual.

Os locais para coleta em grupos foram indicados pelos líderes comunitários, que souberam de antemão que esses locais deviam ser ambientes adequados à realização da pesquisa, ou seja, locais silenciosos, com estrutura física propícia à realização de desenhos. No município de Cruz-CE, realizamos a aplicação do instrumento gerador dos mapas afetivos de forma individual na casa de alguns dos jovens, na localidade do Córrego das Panelas/Cruz-CE, bem como de forma grupal em uma praça em Caiçara/Cruz-CE. Ressalta-

se que as entrevistas eram feitas logo com a aplicação do instrumento de forma individual. Em Fortaleza, realizamos a aplicação do instrumento de forma grupal, seguidos de entrevistas individuais. O local foi a sede da Comunidade Shalom, no bairro Parquelândia, e a igreja de São Gerardo, no bairro São Gerardo.

Os objetivos da pesquisa e o termo do consentimento livre e esclarecido, foram apresentados a todos os sujeitos da pesquisa e, após essa apresentação, aplicamos o instrumento gerador de mapas afetivos e realizamos as entrevistas gravadas. Na ocasião da aplicação, além de explicarmos os objetivos da pesquisa, também mostrávamos o instrumento, explicando cada ítem e deixando os jovens à vontade para tirar qualquer dúvida durante a execução do mesmo, já que permanecíamos presentes ao lado deles durante todo o tempo. Como recurso metodológico da entrevista, utilizamos um roteiro de perguntas para viabilizar alguns questionamentos feitos.

Abaixo segue o roteiro da entrevista.

Projetos de vida

- Quais são seus planos, projetos e objetivos de vida os quais pretende realizar? Fale um pouco sobre eles.
- Em relação a seus projetos de vida, você estabelece estratégias para alcançá-los? No caso de sim, quais?
- Pensando em seus projetos de vida você os considera concretizáveis?

Casa

- Como é sua casa?
- Você gosta de morar nela?
- Qual a parte da sua casa com a qual você mais se identifica?

Comunidade (grupo)

- Você se considera pertencente a uma comunidade?
- Como é sua relação com os seus vizinhos?
- Participa de grupos em sua comunidade? No caso de sim, quais?
- Desenvolve algum trabalho social juntamente com este grupo?
- Qual importância que você atribui em participar desse(s) grupo(s)?
- Em que este grupo te mobiliza?
- Tem algum tipo de grupo que gostaria de participar?

Bairro/ localidade

- Qual o seu bairro?
- O que você acha do bairro/localidade onde mora?

- Que relação existe entre você e o bairro onde mora?

Cidade/município/ Distrito

- Gosta da sua cidade/município? Tem vínculos?
- Você conhece sua cidade/município?
- Que lugar gosta mais?
- Tem vontade de permanecer no lugar?

Trabalho/profissão

- Você atualmente trabalha, exerce alguma profissão? Caso sim qual?
- Que profissão ou trabalho pretende exercer?

Os questionamentos que foram feitos na entrevista são relacionados ao tema projetos de vida (planos, objetivos de vida pretendidos, estratégias para alcançá-los, percepção sobre a viabilidade desses) e ao tema lugar onde mora (sentimentos de bem estar, pertença, relacionamentos/vínculos).

5.6 Análise dos dados

Nesta fase da pesquisa, analisamos os dados contidos no instrumento aplicado para a construção dos mapas afetivos e as falas obtidas a partir das entrevistas. Utilizamos análise de conteúdo categorial para compreender tais dados resultantes. Bomfim (2003) sugere duas etapas principais para análise dos mapas afetivos, baseando-se em Vazquez-Sixto (2000-2001).

1 - CODIFICAÇÃO: É a fase onde se transformam os dados brutos em dados úteis por meio dos processos de fragmentação do texto

2 - CATEGORIZAÇÃO: Segundo Bomfim (2003), se estabelece uma diferenciação e condensação por meio de uma classificação das unidades. Isso é feito através da construção de um quadro para visualização dos dados obtidos. Neste são identificadas informações como: identificação do sujeito investigado, estrutura do desenho (cognitivo ou metafórico), significado do desenho para o respondente, qualidade relacionada à comunidade, sentimentos, metáfora e sentido. Segue o quadro para facilitar a síntese do processo de categorização voltado para a elaboração dos mapas afetivos.

QUADRO 01**Síntese do processo de categorização voltado para elaboração dos mapas afetivos**

N: Sexo; Idade; Grau de instrução dos pais: Tempo de moradia: Cidade de origem:	Mapa cognitivo desenho de monumento, caminhos, limites, confluência e bairros. Metafórico; desenho que expressa, por antologia, o sentimento ou o estado de ânimo do sujeito.	Explicação do sujeito sobre o desenho	Atributos do desenho e da cidade, apontados pelo sujeito.	Expressão afetiva do sujeito ao desenho e a cidade.	Comparação da cidade com algo pelo sujeito que tem como função a elaboração de metáforas.	Interpretação dada pelo investigador à articulação de sentidos entre as metáforas da cidade e as outras dimensões atribuídas pelo sujeito (qualidade e sentimentos).
--	--	---------------------------------------	---	---	---	--

FONTE: BOMFIM (2003, p. 144).

A análise do conteúdo das entrevistas resultou em seleção de trechos de falas que foram relacionadas com os mapas afetivos dos sujeitos da pesquisa.

Utilizamos esta análise para complementar os resultados dos mapas afetivos. Esta análise é decorrente das imagens geradas do mapa afetivo, e por algumas questões da entrevista e respostas da escala Lykert, que apontam indicadores de afetividade. Foram sintetizados em médias para facilitar a visualização de conjuntos de variações afetivas refletidas nas respostas dos sujeitos da pesquisa. Relacionamos tais índices com os projetos de vida dos sujeitos. Nesta etapa utilizamos o programa estatístico SPSS 13.0 for Windows.

6| APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 Caracterização da amostra

Participaram dessa pesquisa 38 jovens de ambos os sexos, com idades variando entre 13 e 19 anos, sendo a maior parte deles, 47,4% com 15 ou 16 anos. Sendo 19 jovens moradores de ambiente urbano em Fortaleza- CE e 19 em ambiente rural em Cruz- CE.

TABELA 01
Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Variáveis	Categorias	f	%
Sexo	Feminino	26	68,5
	Masculino	12	31,5
Local de moradia	Cruz – CE	19	50
	Fortaleza – CE	19	50
Trabalha	Sim	16	42,11
	Não	22	57,89
Deseja permanecer morando no lugar que mora atualmente	Sim	16	42,11
	Não	15	39,47
	Não sabe	07	18,42

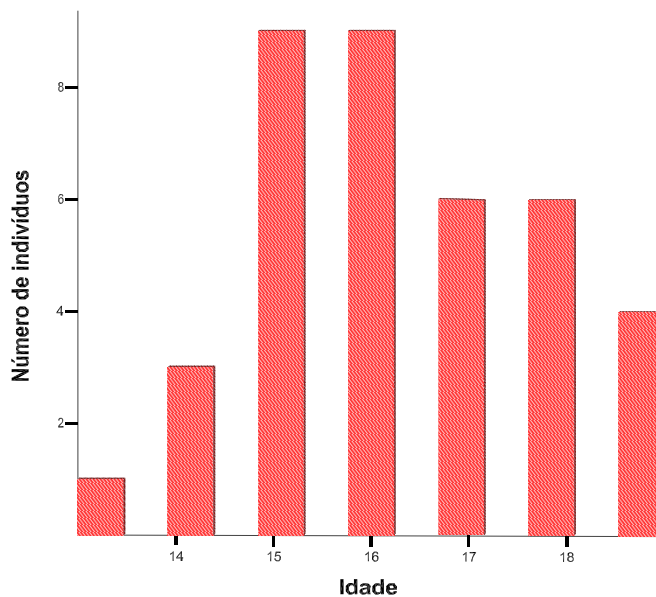


GRÁFICO 1 - Idade e Número de Indivíduos

6.2 Levantamento dos mapas afetivos

Através da análise dos mapas afetivos, encontramos as imagens de Agradabilidade, Pertinência, Insegurança e Contraste.

O Quadro 03 sintetiza as qualidades e sentimentos relacionados às imagens de contraste, agradabilidade, insegurança e pertinência encontradas no ambiente rural. E o Quadro 04 corresponde às mesmas imagens relacionadas ao ambiente urbano.

QUADRO 02

Imagens de Cruz–CE (ambiente rural) conforme as qualidades e sentimentos dos respondentes destes lugares

IMAGENS	Qualidades do município de Cruz	Sentimentos do município de Cruz
Agradabilidade Cruz (11)	Fé, educação, tempo, beleza, natureza exuberante, diversão, liberdade, simplicidade, arborização, vida, solidariedade, convivência, animação, verde, frutas, plantas, águas, animais, agricultura, pesca, paraíso, paisagem, agradável, lugar pequeno. Compreensão-briga Entendimento - brigas, Paz-perigo, calmo-agitado Miséria-prosperidade. Bom- ruim Tempestade- tranquilidade	Alegria, amor, felicidade, harmonia, esperança, tranquilidade, orgulho, sossego, paz, acolhimento, liberdade, paixão, união, generosidade, fé. Alegria – tristeza Raiva - amor, Ódio- amor.
Contraste Cruz (7)	Compreensão-briga Entendimento - brigas, Paz-perigo, calmo-agitado Miséria-prosperidade. Bom- ruim Tempestade- tranquilidade	Alegria – tristeza Raiva - amor, Ódio- amor.
Insegurança Cruz (1)	Túmulos, choro, morte	Dor, sofrimento, saudade, tristeza
Pertinência Cruz (0)		

QUADRO 03
 Imagens de Fortaleza-CE (ambiente urbano) conforme as qualidades e sentimentos dos respondentes destes lugares

IMAGENS	Qualidades do município de Cruz	Sentimentos do município de Cruz
Contraste Fortaleza (11)	Sujeira- bela Lixo- bela Miséria- animada Doença- bela Dificuldade -Determinismo Dificuldade- hospitalidade União- adversidade Colaboração- perigo	Felicidade - tristeza Contentamento- inconformismo Angústia- alívio Raiva, felicidade Conscientização- decepção Orgulho- revolta Orgulho -inconformismo Segurança- insegurança Inveja
Insegurança Fortaleza (04)	Realidade, violência, aspiração, mudança, justiça, coragem.	Medo, raiva, inconformação, angústia, revolta, vingança, ódio, insegurança, indignação.
Agradabilidade Fortaleza (02)	Sem incômodo, limpeza, lazer, adrenalina, aventura, natureza, calor humano, descontração, calor.	Tranquilidade, despreocupação, prazer, alegria.
Pertinência Fortaleza (02)	Tranquilidade, determinação, diálogo, dedicação, amigos	Harmonia, fé, união, vontade de mudar o mundo, compaixão, amizade, colaboração, interesse.

6.2.1 As imagens dos jovens do ambiente urbano e rural

A imagem de Contraste

Na imagem de contraste encontramos sentimentos e emoções que se polarizam, demonstrando emoções e sentimentos paradoxais. Ao mesmo tempo em que o jovem demonstra atração, afetos positivos e bem estar em relação ao entorno onde mora, ele também revela sentimentos ruins, de desgosto, de desafeto em relação ao mesmo lugar.

A seguir, uma tabela que mostra as metáforas das imagens de contraste sugeridas pelos jovens dos ambientes urbano e rural.

QUADRO 04
Imagens de pertinência, conforme os jovens pesquisados
de ambiente urbano e rural do Ceará.

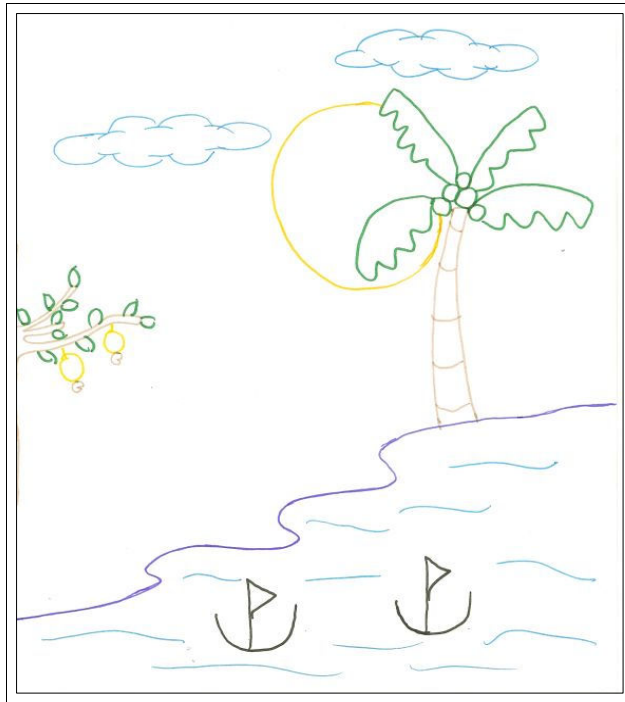
RURAL	URBANO
Carro velho que só funciona com empurrão Mar Vento Bicho preguiça Tartaruga	Lata de lixo Maçã podre Montanha russa Coisa bonita e feia Canções da banda Engenheiros do Havaí Adolescente Clima Grupo de pessoas Casa Pessoas atrapalhadas e unidas

Um lugar relacionado a imagens de contraste provoca no jovem uma ambivalência de sentimentos que podem ser exemplificados pelas metáforas por eles associadas. Um exemplo interessante é o do respondente **nº 37**, que compara o lugar que mora: “*com várias pessoas muito atrapalhadas, mas muito unidas.*” Aqui percebemos que a comparação traz duas qualidades contrastantes; a qualidade de atrapalhada e a de união. Essa ambivalência de sentimentos também é revelada pelo mesmo respondente quando lhe é solicitado uma explicação sobre o desenho por ele feito, ao que ele escreve: “*existem pessoas felizes e tristes, cada uma tem sua forma de viver a vida.*”

Como exemplificação de uma imagem de contraste de um jovem do meio rural, trazemos o mapa afetivo do respondente **nº 04**.

O mapa afetivo do respondente nº 04 articula as seguintes respostas:

Identificação	Nº 04 Sexo: F Idade: 15 anos Lugar: Córrego das Panelas- Cruz-CE
Estrutura	Metafórica
Significado	Lugar onde há muitas árvores, predominando cajueiros, muitas lagoas e que é um lugar bastante tranquilo, além de possuir pontos turísticos mas as pessoas que habitam nele passam algumas dificuldades porque não há trabalho suficiente para população, dificuldades na educação, etc.
Qualidade	Bom, ruim, paz, admiração, confortável, dificuldade na educação.
Sentimento	Felicidade, harmonia, curiosidade, tranquilidade.
Metáfora	Com mar por que é bastante grande, mas não podemos ir muito longe por que não temos capacidade o bastante e seremos engolidos
Sentido	O município <i>mar</i> é aquele que contrasta a falta do trabalho suficiente pra população e dificuldades na educação, com a aparência de um lugar tranquilo e confortável, que atrai o turismo, mas que o habitante não pode ir muito longe com o risco de ser engolido.

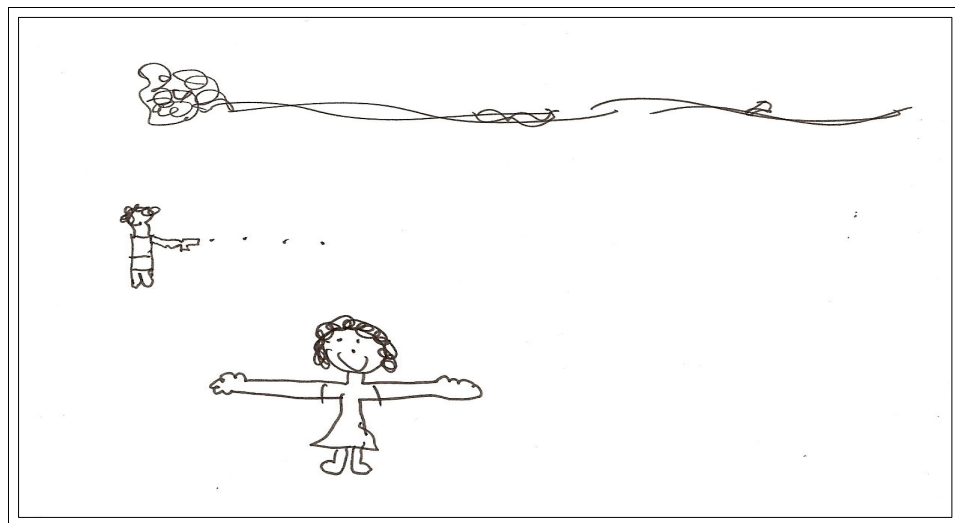


Durante a entrevista, o respondente nº 04, quando indagado sobre seus projetos de vida, manifesta vontade de terminar seus estudos e se qualificar com um curso de informática. Considera que tais *projetos* são fáceis de realizar. A imagem suscitada com o mapa afetivo correspondeu a de **contraste**. O respondente expressa as qualidades positivas do lugar onde mora, relacionando-as com o turismo; no entanto, afirma não querer permanecer morando na localidade. Justifica o desejo de morar em um município onde lhe fosse ofertado trabalho com uma maior facilidade. Quando lhe solicitado a responder ao quesito 3 do mapa afetivo: “Caso alguém lhe perguntasse o que pensa sobre sua cidade, o que você diria?”, o respondente afirma: “*Em certos momentos bons em outros ruins, principalmente em administrações.*” Essa insatisfação em relação ao lugar é complementada pela resposta do quesito posterior, onde compara seu município com “*um carro velho que só funciona no empurrão.*” Na ocasião não exerce um trabalho efetivo, a não ser ajudando sua mãe fazendo crochê (trabalho informal). Percebe-se, portanto, que a busca por trabalho é o fator motivador do respondente de não ter vontade de permanecer no lugar onde vive. Em relação à comunidade, responde não se considerar pertencente à mesma, não participando de nenhum grupo. O que de certa forma contribui com a perspectiva de deixar o lugar de origem.

Em relação ao ambiente urbano como exemplificação da imagem de contraste trazemos o mapa afetivo do respondente **nº 33**.

O mapa afetivo do respondente n 33 articula tais respostas:

Identificação	N 33 Sexo: F Idade: 18 anos Lugar: Rodolfo Teófilo - Fortaleza
Estrutura	Metafórica
Significado	Representa um rio poluído. Eu acho Fortaleza suja. Depois tem um assaltante, a violência aqui também é muito grande. Mas tem uma pessoa de braços abertos, as pessoas daqui são muito acolhedoras.
Qualidade	Ser bem recebida, bela, poluição, violência, falta de estrutura.
Sentimento	Raiva, medo, felicidade, tristeza, frustração.
Metáfora	Com um grupo de pessoas; bom, as pessoas se sentem bem, porém com coisas a serem mudadas.
Sentido	A cidade <i>Grupo de pessoas</i> é aquela que contrasta um sentimento de felicidade e bem estar, devido o acolhimento das pessoas, beleza da cidade, com a tristeza, o medo e a raiva diante da violência, sujeira, frustração. E com coisas a serem mudadas.



O contraste de sentimentos do respondente **nº 33**, fortemente reforçado no significado do desenho, é percebido não só na imagem de contraste gerada a partir do mapa afetivo, mas também durante a entrevista quando questionamos sobre seus projetos de vida. A respondente **nº 33** diz: *“Eu, assim eu nunca pensei em fazer faculdade né, meu pai que sempre falou pra mim e até pra minha irmã, que também não queria fazer faculdade não. Mas assim, ele sempre fala que é pra gente fazer e tal, mas assim meu pai é bancário, e uma coisa que eu coloquei na minha cabeça é que eu quero ser bancária, coloquei na minha cabeça que quero passar no concurso do Banco do Brasil e ser bancária. Quem sabe depois*

de eu ter passado no concurso do Banco do Brasil eu faça uma faculdade assim, eu quero fazer Artes Cênicas. Meu pai também é contra. Ele fala assim, não tem que fazer alguma coisa que dê dinheiro, não sei quê... Mas aí eu passando no Banco do Brasil né, aí eu posso fazer a faculdade de Artes Cênicas.” Aqui percebemos contrastando o que a jovem deseja realizar em sua vida, com os valores parentais. Sendo estes últimos confusos em relação ao seus próprios projetos de vida.

Em relação ao significado do desenho, a respondente **nº 33** escreve: *“Bom, primeiro tem um rio poluído. Eu acho Fortaleza suja. Depois tem um assaltante, a violência aqui é muito grande. Mas tem uma pessoa de braços abertos, as pessoas daqui são muito acolhedoras.”* Neste caso, o contraste de sentimentos em relação ao lugar pode ser decisivo em relação à dúvida expressada pela respondente durante a entrevista ao responder sobre seu desejo de permanecer morando em Fortaleza, onde mora há um ano: *“Tenho vontade de voltar... sei lá às vezes tenho vontade de voltar, às vezes de ficar, não sei ainda.”*

A imagem de Agradabilidade

QUADRO 05

Imagens de lugares de agradabilidade, conforme respostas dos jovens de ambiente rural e urbano do Ceará

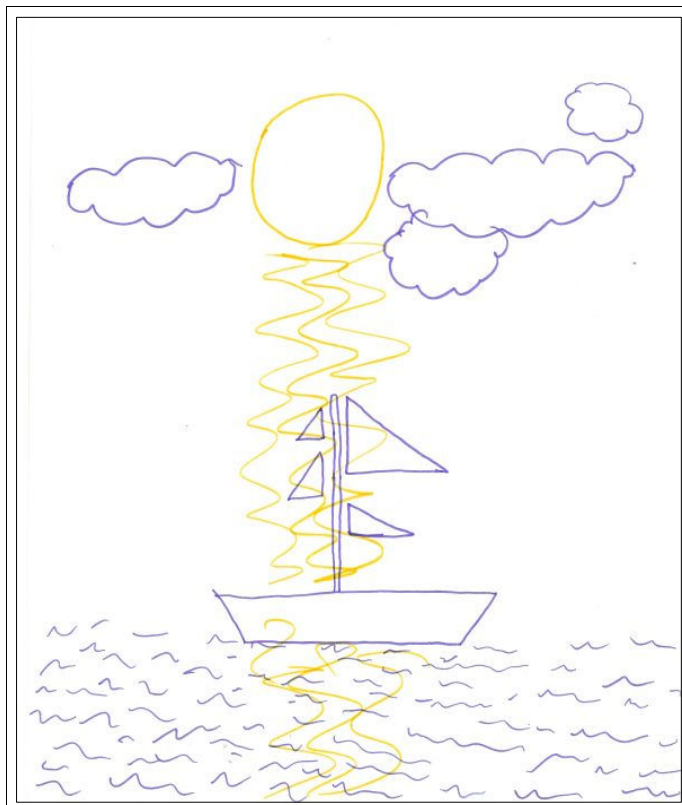
RURAL	URBANO
Lugar que moro Escola Tribo Natureza Amor Paraíso Árvore Ilha pequena Lugar isolado Gota d'água	Circo Coração pulsando alegremente

Através das imagens de agradabilidade percebemos que os jovens de ambiente rural associam o lugar onde moram com qualidades relacionadas ao bem estar, ligadas principalmente a natureza, exaltando a lagoa (lagoa da Gijoca), que é reconhecida nacionalmente e internacionalmente como um ponto turístico importante. O respondente **n 06** escreve sobre o significado de seu desenho: *“Significa uma vida em um lugar bem mais visitado por várias pessoas, representa o cuidado e a vontade que temos de ter um lugar e*

uma lagoa mais saudável.” Já os jovens do ambiente urbano, pouco associam sentimentos de bem-estar ao lugar em que habitam , justificados pela presença da violência urbana.

O mapa afetivo do respondente nº 06 articula tais respostas:

Identificação	Nº 06 Sexo: F Idade: 13 anos Lugar: Córrego das Panelas- Cruz
Estrutura	Metafórica
Significado	Significa uma vida em um lugar bem mais visitado por várias pessoas, representa o cuidado e a vontade que temos de ter um lugar e uma lagoa mais saudável.
Qualidade	Diversão, vida, preservação.
Sentimento	Alegria, orgulho, amor, cuidado.
Metáfora	Com a natureza que é calma, é um paraíso.
Sentido	O município <i>natureza</i> é aquele em que a agradabilidade é sentida em um lugar saudável, calmo e visitado por várias pessoas.



Mediante o processo da entrevista, o respondente nº 06 afirma que faz parte de seus projetos de vida, terminar os estudos colegiais, ingressar em uma faculdade e casar. No entanto, considera algo difícil de ser realizado, devido às dificuldades financeiras. Considera

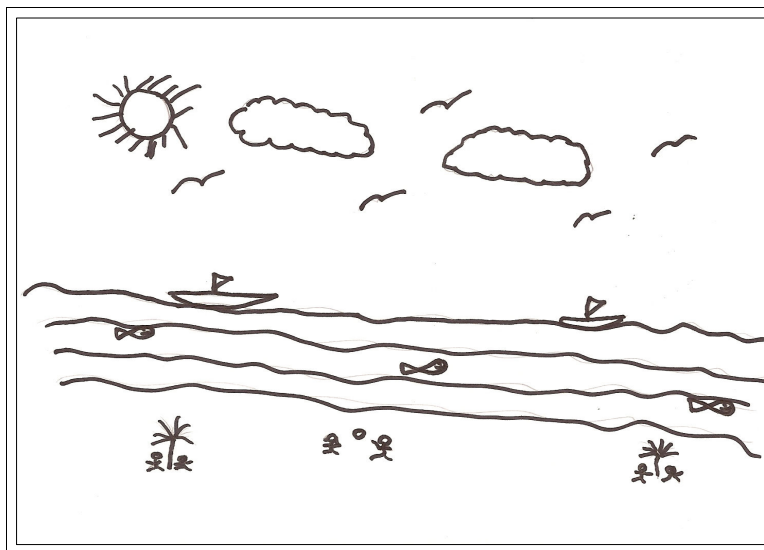
que trabalho é algo difícil de encontrar na localidade em que mora; não obstante, não deseja ir morar longe: “*Quero ir pra fora não*”, a não ser em Jericoacoara (ponto turístico), uma praia próxima, onde acha que: “*Aqui a maioria das pessoas vai pra lá. Pois lá é onde arruma um emprego pra cuidar de criança, pra vender...*”. O respondente considera que: “*É um lugar calmo. Por que nas cidades a gente só escuta falar dos assaltos. Aqui não, é tudo calmo, as pessoas são tranqüilas.*”

A imagem da agradabilidade em relação ao lugar onde a respondente mora, confirma o orgulho que a mesma tem em relação à localidade. Considera a tranqüilidade local, além de ser o “*paraíso*”. Vale ressaltar que essa denominação Paraíso é como a lagoa da Gijoca é veiculada na mídia. É conhecida pelos turistas como a “Lagoa do Paraíso”.

Em relação à imagem de agradabilidade dos jovens do ambiente urbano, exemplificamos com o mapa afetivo do respondente **nº 36**.

O mapa afetivo do respondente nº36 articula tais respostas:

Identificação	Nº 36 Sexo: F Idade: 16 anos Lugar: São Gerardo – Fortaleza
Estrutura	Cognitiva
Significado	Ao lembrar da minha cidade, a primeira coisa que me vem à cabeça é a boa influência que o “calor” tem para a nossa vida. A minha principal e favorita forma de lazer é a praia.
Qualidade	Lazer, adrenalina, aventura, natureza, diversão, calor humano, descontração, calor.
Sentimento	Alegria
Metáfora	Com um coração pulsando alegremente.
Sentido	A cidade <i>Coração pulsando alegremente</i> é aquela que gera agradabilidade devido o clima, praia, natureza, descontração, g proporcionando alegria, mesmo sendo uma região discriminada pelo resto do país.



O respondente **nº 36** enfoca em sua fala a agradabilidade da cidade de Fortaleza, mas também se preocupa com a imagem que a mesma pode ter para o resto do país. Na entrevista, quando questionado sobre o que acha de sua cidade diz: *“Eu gosto por que é uma cidade bonita, têm muitas praias bonitas, eu adoro, passeios interessantes, as pessoas são alegres, mas também sei que lá fora temos a fama de ser nordestino, preguiçoso e burro. Em seus projetos de vida, não tem pretensão de sair de Fortaleza, cidade em que mora desde que nasceu e afirma não conhecer totalmente: “Conheço boa parte daqui. Dos lugares bons né?”* Se considera pertencente a uma comunidade e afirma a importância em participar de um grupo de jovens revelando a forma como se sente: *“Me faz sentir com um propósito, com coisas, idéias pra pensar, e não uma pessoa que vive a toa no mundo...”*

A imagem de Pertinência

QUADRO 06

Imagens de lugares de Pertinência, conforme respostas dos habitantes de Fortaleza e Cruz.

RURAL	URBANO
(0)	Com um terminal ou um shopping. Pessoa atrapalhada, mas responsável

A partir dos mapas afetivos, não encontramos nenhuma imagem de pertinência nas respostas dos jovens do meio rural. Mais adiante, na análise estatística complementar, teremos comentários sobre esse fato. Essa imagem refere-se à identificação positiva do sujeito com o lugar onde mora. Os dois respondentes do ambiente urbano **nº 26** e **nº 38** representam Fortaleza com lugares que freqüentam em seu dia-a-dia e que atribuem uma

importância a estes lugares. Por exemplo, o n° 38 explica seu desenho escrevendo: “*meu dia-a-dia é assim, estudo, vou para o grupo e tenho muitos amigos.*” O n° 26 explica: “*a minha vida na igreja e na escola com meus amigos*”.

Abaixo o mapa afetivo de um jovem do ambiente rural com a imagem de Pertinência:

Identificação	N 38 Sexo: F Idade: 17 anos Lugar: São João do Tauape – Fortaleza
Estrutura	Metafórica
Significado	Significa o dia a dia de ir para o trabalho, colégio, grupo e ter muitos amigos.
Qualidade	Determinação, diálogo, dedicação, violência, má distribuição de renda, amigos.
Sentimento	Harmonia, fê, união, vontade de mudar o mundo com a ajuda de todos.
Metáfora	Com um terminal ou um shopping. Muito movimento onde tem pessoas de diferentes raças.
Sentido	A cidade <i>Terminal ou shopping</i> é aquela que dá um sentido de pertinência ao congregar pessoas de diferentes raças, que se sentem unidas, harmônicas e com fê e vontade de mudar o mundo (violência e má distribuição de renda).



A respondente n° 38 reflete seu sentimento de pertença ao lugar onde mora tanto no desenho por ele feito, como durante alguns trechos da entrevista. Um de seus projetos de vida é participar de grupo onde tenha jovens, pois afirma “... *adoro isso, me faz sentir viva.*” Sobre seu relacionamento com os vizinhos diz: “*Cada um vive sua vida, ninguém sabe de ninguém. Só o pessoal aqui do grupo, aí sim, a gente se conhece, confraterniza, traça idéia. A gente sente que faz parte do grupo sabe*”. O sentimento de pertença parece, neste caso, ser reforçado pela participação em grupo de iguais, algo bastante valorizado por alguns jovens. Em relação a sua participação no grupo de jovens acrescenta: “... *a gente trabalha uns com os outros na conscientização do que é importante pra vida, religião, amor, solidariedade*”. A relevância dessa participação é expressa em sua fala: “*É importante pra mim como pessoa filha de Deus, com compromisso humanitário. Pra que eu possa me sentir parte de algo importante.*” O que a leva a seguinte afirmação: “*Eu me sinto mais completa, útil*”.

A Imagem de Insegurança

QUADRO 07

Imagens de lugares de Insegurança, conforme
respostas dos jovens de ambiente rural e urbano do Ceará.

RURAL	URBANO
Cemitério	Projeto Ilusão de ótica Vaso Quebrado Cidade grande

A imagem de Insegurança traz metáforas que se pautam em instabilidade, aspectos negativos e inesperados que são sentidos pelo indivíduo em relação ao entorno. O n° 29 compara Fortaleza com uma onça linda, curiosa e perigosa. Ressaltando a violência da cidade que lhe provoca medo de sair às ruas e ser assaltado. Percebemos que a insegurança no caso do ambiente urbano se relaciona com a violência urbana. Já em relação ao ambiente rural, um dos jovens demonstrou insegurança. Este afeto fazia referência à tristeza por ele associada a um lugar calmo, sem agito, com poucas oportunidades de ocupação. Um exemplo de um mapa afetivo de um jovem de ambiente urbano a seguir.

O mapa afetivo do respondente nº 25 articula as seguintes respostas:

Identificação	N 25 Sexo: M Idade: 15 anos Lugar: Joaquim Távora Fortaleza
Estrutura	Metafórica
Significado	As grandes diferenças entre as classes sociais.
Qualidade	
Sentimento	Raiva, indignação
Metáfora	Um projeto de ilusão de ótica.
Sentido	A cidade <i>projeto ilusão de ótica</i> é aquela cuja destruição se faz presente diante das diferenças sociais com pessoas de baixa renda que não é mostrado para os turistas



O sentimento de Insegurança em relação à Fortaleza foi expresso durante a entrevista, quando questionado sobre qual seria o lugar que gostava mais de sua cidade. N° 25 diz: “*Eu gosto de ir pra Ponte Metálica de noite no sábado. E é perigoso, eu quase ia sendo assaltado, mas eu vou em bando, com a galera*”. Percebemos que o jovem tentou contornar esses sentimentos de insegurança se protegendo por meio de sua inclusão em um grupo de iguais, bem como a partir de suas escolhas sobre seus projetos de vida. O respondente n° 25 tem como projeto se dedicar a uma banda musical na qual ingressou recentemente e cursar Jornalismo. Ele argumenta que optou por esse curso de graduação pois

quer: “... *denunciar as irregularidades do governo, pra tentar melhorar as coisas na nossa cidade, não do Brasil né? Lógico, mas quem sabe...*” Como estratégias estabelecidas para alcançar tais projetos, pretende estudar. Acredita que os projetos são concretizáveis dependendo de sua força de vontade.

Em relação à comunidade se considera pertencente. “... *às vezes o líder social faz reuniões; aí, como eu vou ser jornalista, eu participo pra querer saber alguma explicação pra tentar entender o que tá acontecendo no local.*”

Participa de um grupo na igreja e de outro em uma banda de rock. Afirma: “*Sinto alegria, uma das coisas que gosto muito é ajudar... Ter força de vontade e fé. E no meu trabalho eu vou ter que envolver muito a comunidade, e isso pra mim é demais.*” Mesmo não pretendendo sair de sua cidade (Fortaleza), pois “*me acostumei... Foi a cidade onde nasci...*”, demonstra alguma insatisfação. “... *eu adoro, mas o que acontece é pelas pessoas como classe social, pois varia muito, pois se um turista vem pra Fortaleza ele só vai ver o lado ruim, e a gente que mora vê os dois lados.*” O resultado dessa insatisfação lhe causa raiva e indignação, sentimentos estes por ele escritos em relação ao seu desenho. Sua reação ao modo como se sente no lugar em que mora aparece em seus projetos de vida, onde percebe a profissão de Jornalista como um meio de modificar um pouco a realidade social que lhe afeta.

A Imagem de Insegurança aparece no mapa afetivo de um jovem de ambiente rural.

O mapa afetivo do respondente nº 15 articula as seguintes respostas:

Identificação	N 15 Sexo: M Idade: 15 anos Lugar: Caiçara, Cruz-CE
Estrutura	Metafórica
Significado	A tristeza do lugar.
Qualidade	Túmulos, choro, morte
Sentimento	Dor, sofrimento, saudade, tristeza, tranqüilidade.
Metáfora	Um cemitério.
Sentido	A cidade <i>Cemitério</i> é aquela em que sua insegurança se revela na representação da morte e de túmulos que se associam com a tristeza do lugar (tranqüilidade) mostrando sentimentos de dor, sofrimento, choro e saudade.

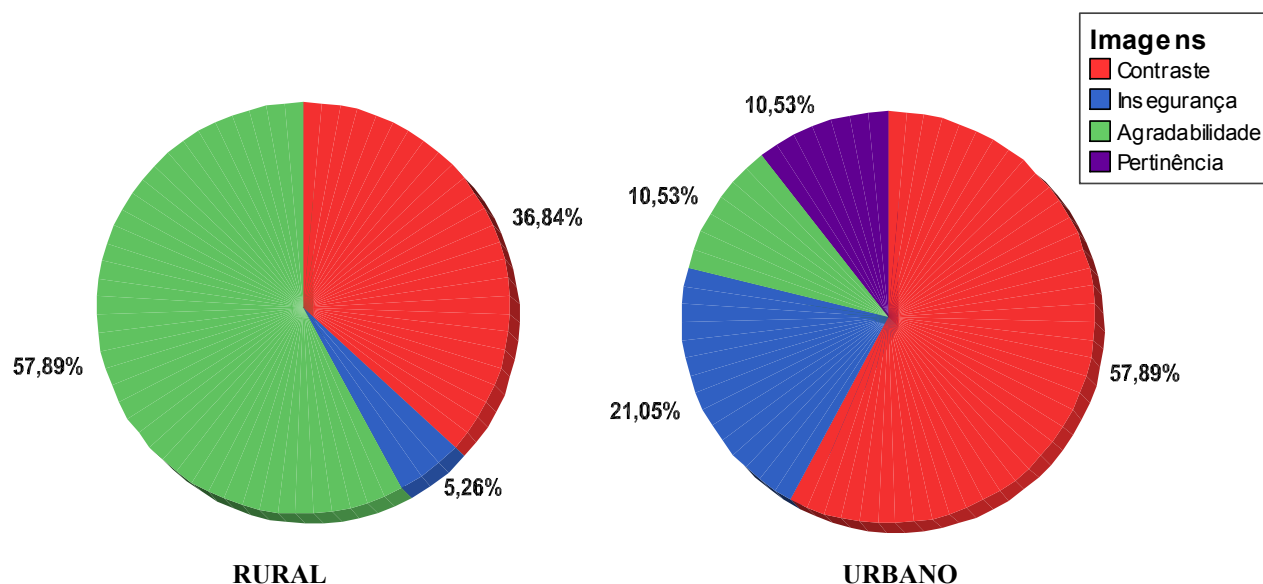


O respondente nº 15 associa no mapa afetivo sentimentos ruins ao lugar onde mora, tais como dor, sofrimento, saudade e tristeza. Na entrevista, quando indagado sobre o que acha da localidade onde mora (Caiçara/Cruz-CE) ele considera: “*Chato, parece um cemitério, o povo fica em casa direto, não tem o que fazer.*” O lugar é associado com tristeza justamente pela falta de movimento e agito valorizados pelos jovens de uma maneira geral. Também na entrevista, ele responde ao quesito que questiona qual lugar gosta mais: “*Eu gosto de ir às festas, num clube Ferrovia*”. Nº 15 foi o único jovem de ambiente rural onde o mapa afetivo gerou a imagem de insegurança; esta, apesar de aparecer em sua fala e sentimentos, parece ser contraditória com um dos projetos do jovem, que é o de desejar permanecer no lugar onde vive. Ele justifica tal plano devido à tranquilidade do local, que outrora fora criticada. Na entrevista ele expressa: “*Quero ficar aqui*”. Ao que retrucamos: “*Mas você não me falou que aqui parece um cemitério?*” E ele me responde: “*É, mas não tenho vontade de sair não. Aqui é calmo em comparação ao lugar que eu morava [...]. Fortaleza, prefiro aqui mesmo, é mais calmo*”.

6.3 Apresentação gráfica da distribuição dos mapas afetivos

6.3.1 Imagens

Nos dois gráficos a seguir, apresentamos as categorias de afetividade encontradas nos mapas afetivos dos jovens que vivem em ambiente rural e urbano no Ceará.

GRÁFICO 2 – Categorias de afetividade dos ambientes rural e urbano.

No ambiente rural a categoria que apareceu com um maior percentual foi a de agradabilidade, 57,89%, sendo a segunda mais representada a categoria de contraste (36,84%), seguida da insegurança (5,26%). Já em relação às imagens do ambiente urbano a categoria de contraste teve um percentual de 57,89%. Logo em seguida temos a categoria de insegurança com 21,05%, depois 10,53% correspondendo a agradabilidade e 10,53% a pertinência.

6.3.2 O Trabalho

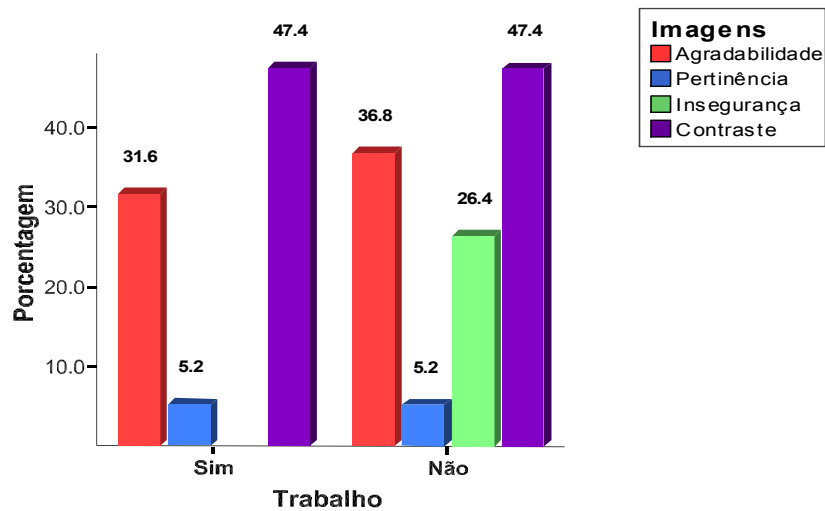


GRÁFICO 3 – índice dos jovens que trabalham ou não em relação as imagens

O gráfico acima faz referência aos jovens que trabalham ou não, em relação às imagens geradas nos mapas afetivos. A diferença entre esses percentuais não foi estatisticamente significativa - a não ser a de insegurança ($p < 0,001$). A Imagem de Contraste apresentou o mesmo percentual de 47,4% para jovens que trabalham e que não trabalham. Em relação aos jovens que corresponderam à imagem de agradabilidade, 36,8% não trabalham, e 31,6% afirmam trabalhar. A imagem de pertinência também apresentou percentuais semelhantes: 5,2% tanto para os jovens que trabalham como para os que não trabalham. Já todos os jovens que corresponderam à imagem de insegurança (100%) não exercem nenhuma atividade de trabalho. Tal dado nos leva a refletir sobre a importância que o trabalho tem para esses jovens, principalmente os jovens de ambiente rural, que afirmaram em seus projetos de vida um desejo em ter trabalho remunerado. Ferreira (2006) considera em sua pesquisa com jovens nordestinos de um meio semi-árido, que os jovens se afastam cada vez mais do trabalho agrícola, buscando estudo e trabalho para se afastarem da vulnerabilidade do pequeno agricultor.

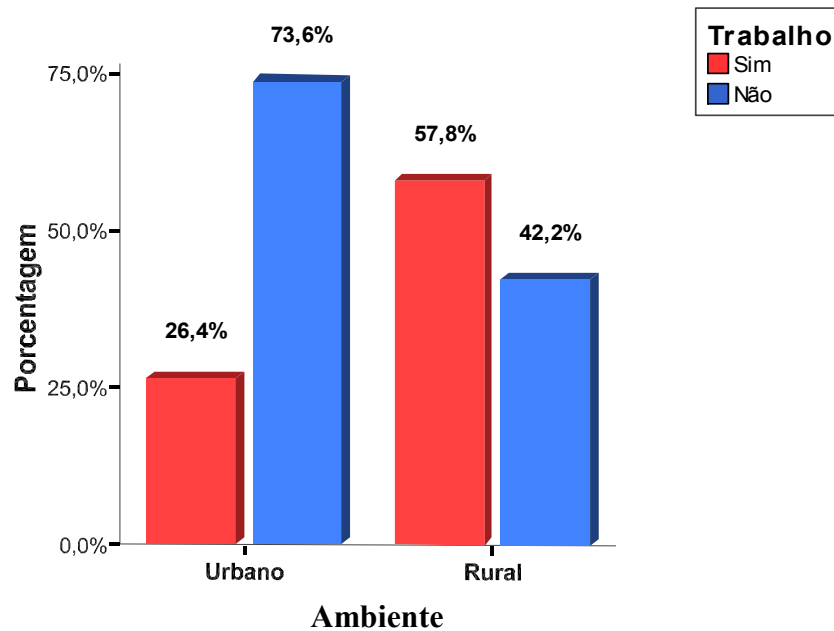


GRÁFICO 4 – índice dos jovens que trabalham ou não em relação ao ambiente onde vivem

O gráfico 04 faz referência aos jovens que afirmaram trabalhar ou não de acordo com o ambiente em que vivem (rural e urbano). Dos jovens do ambiente urbano, 73,6% não trabalham, ao passo que 26,4% trabalham. Já em relação aos jovens do ambiente rural, 57,8% trabalham e o restante, 42,2%, não trabalham.

Percebemos em nossa amostra que os jovens do ambiente rural tendem a trabalhar mais do que os do ambiente urbano, no entanto, por meio das entrevistas, eles nos revelam que esses trabalhos são informais - como trabalhar ajudando a família na agricultura, trabalhos domésticos e artesanais. Nenhum jovem afirmou ter trabalho assalariado, com direitos trabalhistas garantidos. Isso também ocorreu na pesquisa de Ferreira (2006) com jovens de um sertão semi-árido cearense. O trabalho investigava o desejo de ficar ou partir dos jovens em relação ao lugar que moravam (Município de Tauá-Ce). A autora demonstra que direitos básicos de quem trabalha com carteira assinada é um fator que influencia os jovens a buscarem outros locais para morar. (FERREIRA, 2006)

6.3.3 O desejo de permanecer no meio em que vivem (rural e urbano).

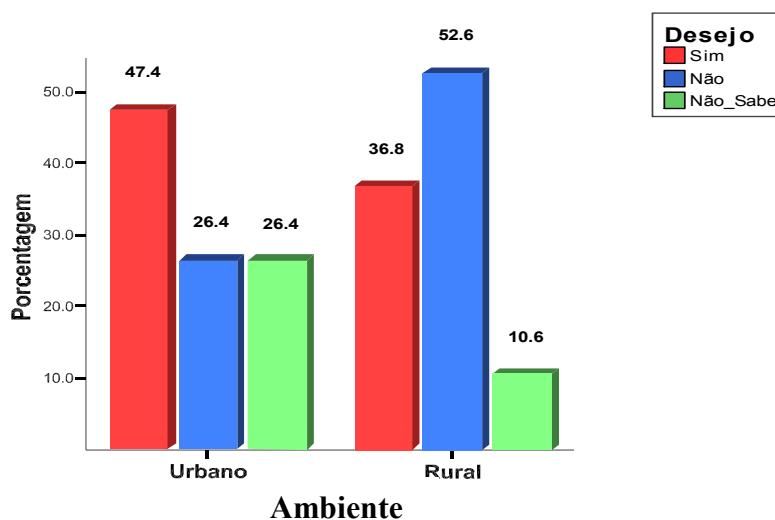


GRÁFICO 5 – índice do desejo em permanecer no lugar onde moram dos jovens de ambiente rural ou urbano no Ceará.

Neste gráfico percebemos que 47,4% dos jovens do ambiente urbano desejam permanecer morando no lugar em que vivem. Seguidos de 26,4%, que afirmaram ter em seus projetos a vontade de não continuar morando no mesmo lugar. E o mesmo percentual, 26,4% afirma não saber. Em relação ao ambiente rural, a maioria dos jovens, 52,6%, não deseja permanecer morando no lugar onde residem. O respondente nº 04, quando questionado sobre esse tema, responde: “*Eu tenho vontade de morar num município onde tivesse trabalho mais fácil*”. 36,8% dos jovens do ambiente rural afirmam que querem continuar morando no mesmo lugar, e apenas 10,6% não sabem o que querem.

6.4 Análise estatística complementar

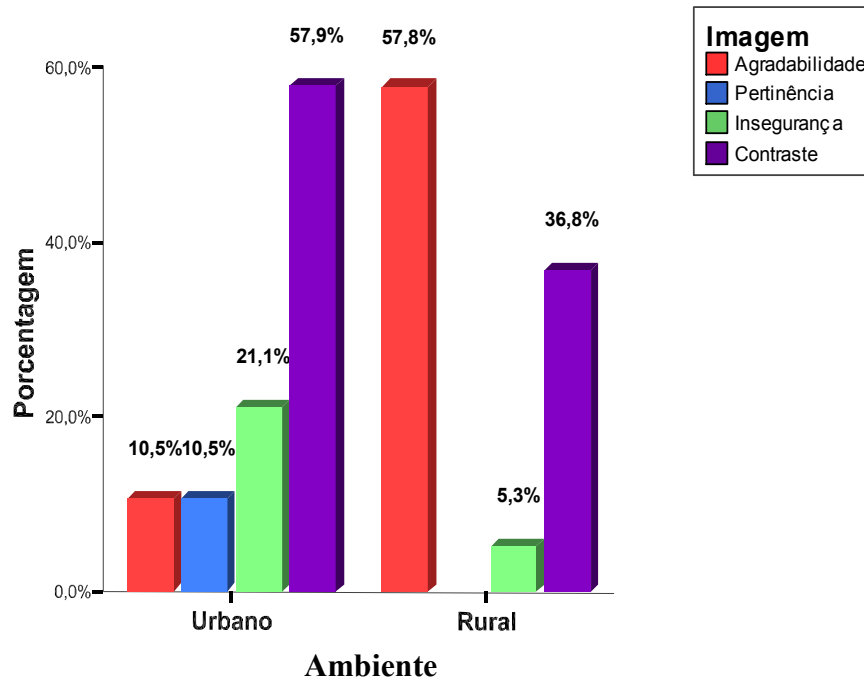


GRÁFICO 6 - Índice das categorias de afetividade dos jovens de ambiente rural e urbano do Ceará.

Com exceção da imagem de contraste, as diferenças entre esses percentuais foram estatisticamente significativas.

As categorias de agradabilidade e de contraste, com mesma percentagem de 57,9% foram as duas categorias que no mapa afetivo foram mais representadas. A agradabilidade apareceu com mais frequência no ambiente rural (57,9%), onde os jovens exaltaram as qualidades positivas do lugar, tais como, natureza exuberante, tranquilidade, fauna, flora e lagoas. No ambiente urbano, a categoria de agradabilidade teve somente a percentagem de 10,5%. Bomfim (2003), em sua pesquisa intitulada “Cidade e Afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo”, entrevistando estudantes universitários, não encontrou respostas de agradabilidade (relacionados com beleza e natureza da cidade) em relação a São Paulo (grande centro urbano).

A categoria de contraste teve o índice 57,9% no ambiente urbano e 36,8% no ambiente rural. Os jovens de Fortaleza (urbano) expressaram mais ambivalência de afetos em

relação ao lugar em que moravam, sendo este bom pelas praias, clima, hospitalidades das pessoas, e ao mesmo tempo ruim, principalmente pela violência urbana típica de grandes cidades. A categoria de insegurança teve o percentual de 21,1 % no ambiente urbano e 5,3% no ambiente rural. A categoria de pertinência apresentou o percentual de 10,5% no ambiente urbano e, de acordo com as respostas geradas nos mapas afetivos, não foi encontrada nenhuma imagem de pertinência em relação ao ambiente rural.

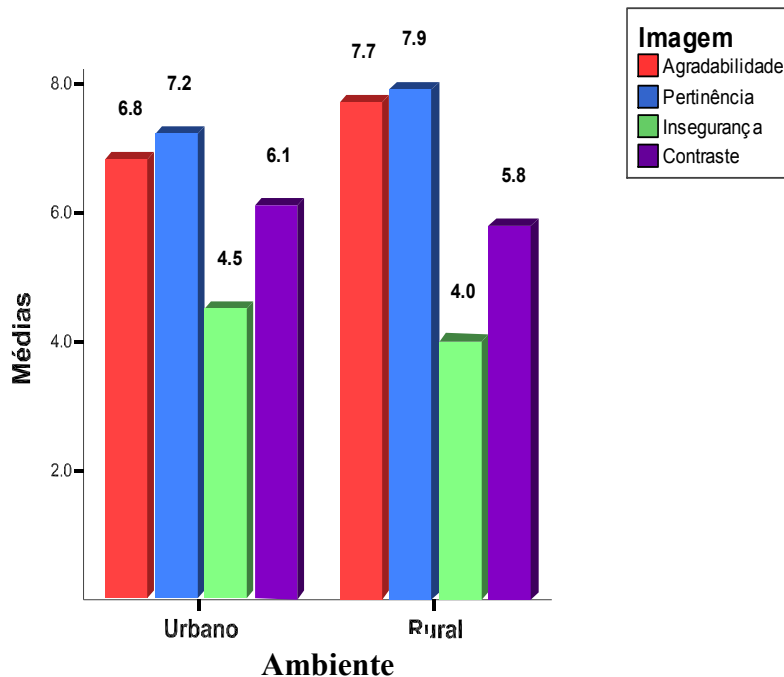


GRÁFICO 7 – categorias de afetividade a partir da escala Lykert

O gráfico nº 07 faz referência às categorias de afetividade encontradas a partir da escala Lykert. Os jovens que responderam à escala Lykert são representativos da amostra dos dois grupos de jovens pesquisados, pois correspondem a quase 50 % da amostra (18 jovens de um total de 38). De acordo com os índices do gráfico acima, percebemos que não existiram diferenças entre os dois grupos; assim, podemos concluir que nossa amostra compõe um único grupo de jovens com idades semelhantes, mas que vivem em ambientes diferentes (rural e urbano).

O fato que nos chamou atenção foi que a categoria de pertinência no ambiente rural só foi encontrada a partir dos dados da escala Likert. Nas respostas geradas a partir do mapa afetivo, não foi encontrado nenhum percentual de respostas da categoria pertinência.

Tal fato nos levou a pensar que foi preciso que os jovens no ambiente rural fossem questionados *cognitivamente* (Escala Lykert), a partir de um estímulo verbal, sobre sua pertinência em relação ao lugar em que moram, para que revelassem essa categoria de afetividade. Pois quando questionados *afetivamente* (mapas afetivos), por meio do desenho, que deflagra as emoções de modo mais livre, não revelaram nenhum grau de pertinência. Ou seja, a pertinência não aparece de forma espontânea. Ao mesmo tempo, a imagem de agradabilidade do ambiente rural teve um índice alto, tanto nos respondentes dos mapas afetivos quanto nos que também responderam à escala Lykert. Associamos isso ao fato de que os jovens do ambiente rural em questão, que são moradores de um lugar reconhecido nacionalmente por sua beleza natural (com lagoas de águas claras, próximo a uma famosa praia - Jericoacoara), apresentam a imagem de que aquele lugar pode não lhes pertencer verdadeiramente, mas ser, sim, um lugar de turistas, pessoas que passam por lá diariamente, vindas dos mais diversos lugares do país e até mesmo de fora deste. Isso pode reforçar a idéia dos jovens de que moram em um lugar de alta agradabilidade, mas talvez sem uma devida identificação dos lugares por parte dos jovens. Vale ressaltar que, na lagoa citada por eles, cresce a cada dia o número de hotéis luxuosos, que são construídos por estrangeiros (portugueses, italianos, franceses) que vêm visitar a localidade, gostam do lugar e resolvem investir na área hoteleira, passando a ter posse dos espaços que antes não lhes pertenciam.

No estudo feito por Ferreira (2006) observou-se um apego dos jovens que, assim como os da pesquisa em questão no presente trabalho, são moradores de um meio onde predomina a agricultura, em relação ao lugar que moram. O apego ao lugar, entre os jovens pesquisados por Ferreira (2006), foi confirmado através do alto índice da categoria pertinência como indicador de afetividade, representada em seu estudo. Tecendo uma comparação com nossa pesquisa, refletimos que novos estudos poderiam averiguar se haveria pertinência expressa espontaneamente por jovens moradores de um meio rural que não fosse turístico.

6.5 Os jovens e seus projetos de vida

Por meio das entrevistas, pudemos perguntar aos jovens pesquisados quais seriam seus projetos de vida, se eles estabeleciam estratégias para alcançá-los, se achavam que tais projetos eram concretizáveis, entre outras questões. A partir de uma análise categorial discutimos os resultados encontrados.

TABELA 02

Projetos de vida dos jovens do ambiente rural e urbano no Ceará

PROJETOS DE VIDA	AMBIENTE	No. (% em relação ao meio)
Concluir estudos	Rural	15 (78,9 %)
	Urbano	06 (31,5 %)
Vestibular/faculdade	Rural	07 (36,8%)
	Urbano	17 (89,4%)
Trabalho/emprego fixo	Rural	08 (42,1 %)
	Urbano	05 (26,3%)
Constituir família	Rural	08 (42,1 %)
	Urbano	05 (26,3 %)
Migrar para Fortaleza/ São Paulo/ Minas Gerais	Rural	05 (26,3%)
	Urbano	0
Continuar participando do grupo de jovens da igreja	Rural	0
	Urbano	3 (15,7%)
Concurso público	Rural	0
	Urbano	2 (10,5%)
Trabalhar na agricultura	Rural	2 (10,5%)
	Urbano	0
Desenvolver projetos sociais	Rural	0
	Urbano	2 (10,5%)
Trabalhar no comércio	Rural	1 (5,2%)
	Urbano	0
Trabalhar no ramo de hotelaria/turismo	Rural	1(5,2%)

	Urbano	0
Curso de especialização/informática	Rural	01 (5,2%)
	Urbano	01 (5,2%)
Intercâmbio/ viajar	Rural	0
	Urbano	01 (5,2%)
Participar de grupo de teatro/musical	Rural	0
	Urbano	2 (10,5%)
Adoção	Rural	0
	Urbano	01 (5,2%)
Ser modelo	Rural	01 (5,2%)
	Urbano	0
Construir uma casa residencial/casa de praia	Rural	01 (5,2%)
	Urbano	01 (5,2%)
Ajudar financeiramente os pais	Rural	0
	Urbano	01 (5,2%)

A maior parte dos jovens tem como projeto de vida concluir os estudos, fazer uma faculdade, ter um trabalho e/ou emprego fixo e constituir uma família.

Dos jovens do ambiente rural, 78,9% optam por concluir os estudos. Tal plano é expresso por 31,5% dos jovens do ambiente urbano. Alguns almejam mais do que apenas concluir os estudos do ensino médio, querendo também ingressar em uma faculdade e trabalhar. 89,4 % dos jovens do ambiente urbano querem fazer uma faculdade, ao passo que somente 36,8% dos jovens do ambiente rural expressam o mesmo desejo. Os que querem fazer uma faculdade são em maior parte do ambiente urbano, já que no ambiente rural pesquisado não existem faculdades, sendo o acesso mais difícil para os jovens daquela região.

6.5.1 Estratégias

A maioria dos jovens, 89 %, estabelece estratégias para seus projetos de vida. Apenas 4 indivíduos entre os 38 jovens entrevistados (10,5%) afirmaram não estabelecer estratégias para seus projetos de vida.

TABELA 03
Estratégias para realizar os projetos de vida

ESTRATÉGIA	AMBIENTE
Estabelece estratégias	Rural (17)
	Urbano (17)
Não tem estratégias	Rural (2)
	Urbano (2)

6.5.2 Diversificação de estratégias

Verificamos que quase não foi constatada diversidade de opções de projetos de vida, seja para os jovens do ambiente urbano, seja para os do rural.

TABELA 04
Diversificação de estratégias para realizar os projetos de vida

DIVERSIFICAÇÃO DE ESTRATÉGIA	AMBIENTE
Estudar	Rural (13)
	Urbano (12)
Trabalhar	Rural (2)
	Urbano (0)
Outros	Rural (3)
	Urbano (6)

A maioria dos jovens (26 entre 38 indivíduos, o que corresponde a 68, 4%), estabelece estudar como uma estratégia para seus projetos de vida. Dos 38 jovens entrevistados, apenas 9 (23, 6%) afirmaram estabelecer estratégias para alcançar seus projetos que diferissem de apenas estudar e/ou trabalhar. Estes jovens elencaram estratégias como: namorar, evitar sair, ir para academia, escolher bem as amizades, manter contato com pessoas interessantes, se espelhar no modelo paterno, auto motivar-se através de planejamento de metas para alcançar crescimento pessoal, ser sincero, agregar os amigos, dedicar-se ao teatro, fazer reflexões, leituras e observar as pessoas.

6.5.3 Participação em grupos como um dos projetos de vida dos jovens

Consideramos a participação em grupos de iguais como um dos projetos de vida dos jovens, já que eles escolhem livremente vivenciar essa experiência em suas vidas.

Todos os jovens do meio urbano fazem parte do Movimento Encontro de Jovens Shalom (MEJSh). Inicialmente, nossa proposta era de pesquisar somente jovens que estivessem participando de algum grupo onde estivessem outros jovens. No entanto, como já foi mencionado anteriormente, fomos surpreendidos com o fechamento temporário da Escola Família Agrícola no meio rural. Então, 6 dos 19 jovens entrevistados no meio rural afirmaram não participar de nenhum grupo de iguais. Os outros fazem parte dos seguintes grupos:

TABELA 05

Participação em grupos entre os jovens do ambiente rural

PARTICIPAÇÃO EM GRUPOS no ambiente rural	Quantidade
Associação dos moradores	02
Grupo de jovens de igreja	07
Grupo de amigos/futebol	02
Projeto Social Amigos da Escola	02

A seguir é exibida a tabela que faz referência às categorias elencadas pelos jovens sobre o que lhes mobiliza e afeta por participarem de algum grupo junto a outros jovens.

TABELA 06

Fatores que levam os jovens a participar de grupos de iguais

AFETA	MEIO
Satisfação, crescimento Pessoal/ Bem estar	Rural 07 Urbano 12
Interação com os amigos/socialização	Rural 01 Urbano 12
Ajudar as pessoas, solidariedade	Rural 01 Urbano 06
Aprendizagem	Rural 04 Urbano 01
Troca de experiências	Rural 02 Urbano 02
Inserção na igreja/ satisfazer o Criador	Rural 02 Urbano 02
Proximidade com a comunidade	Rural 03 Urbano 0
Alívio	Rural 02 Urbano 0
Longe de más influências/longe do uso de drogas	Rural 01 Urbano 01
Conscientização	Rural 0 Urbano 02
Outros	Rural 0 Urbano 04

Percebemos que, para os jovens do meio rural, a importância maior vem da satisfação, crescimento pessoal, bem estar, seguidas da importância da aprendizagem e, em terceiro lugar, da mobilização pela proximidade com a comunidade.

Para os jovens do ambiente urbano, satisfação, crescimento pessoal e bem estar, também são associados como importantes fatores decorrentes da participação em grupo de iguais. Empatado, com o mesmo percentual, vem a importância de interação com os amigos, socialização. O terceiro fator é o de ajudar as pessoas, solidariedade. Lembramos que os jovens do ambiente urbano faziam todos parte de um mesmo grupo, o que pode ter influenciado na atribuição da resposta de que a interação com os amigos é um fator que os afeta, justificativa quase não encontrada nas falas dos jovens do ambiente rural.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

É comum termos a representação da juventude como o “futuro da nação”. Mas será que os jovens, hoje, têm condições de ter clareza sobre o que pretendem para o seu próprio futuro?

O projeto de vida é, a nosso ver, uma questão de fundamental importância na vida de qualquer ser humano que se posiciona de maneira crítica e coerente diante de si mesmo e do meio em que vive. Tal questão, para os que vivem a juventude, é um grande desafio. O jovem, que comumente é um ser questionador, traz em si um grande potencial para ser o grande autor de sua vida. No entanto, as dificuldades por que passa, sejam elas de cunho individual (crises existenciais, alterações de humor, modificações hormonais etc) ou de cunho social (situação sócio-econômica, desigualdades sociais, crise de valores etc), podem influenciar na atuação consciente e planejada deste jovem em sua própria vida.

O fato de alguns jovens da amostra pesquisada neste estudo morarem em ambiente rural e outros em ambiente urbano não resultou, a partir de nossa análise, numa diferenciação completa de seus projetos de vida. Contudo, observaram-se influências do meio em que residem sobre algumas características específicas de seus projetos de vida. Identificamos que os jovens do ambiente rural tendem a buscar mais cedo o trabalho, em relação aos jovens do ambiente urbano. Observou-se ainda que estes trabalhos são, em geral, informais, sem a garantia de direitos trabalhistas, o que lhes gera uma insegurança em relação ao lugar em que moram.

Percebemos uma grande queixa dos jovens do ambiente rural sobre a dificuldade de encontrarem trabalho no lugar que vivem. Este fato se relaciona com o projeto deles de pretender morar em outro lugar, na tentativa de buscar melhores oportunidades de trabalho. Muitos afirmaram que, se não fosse por esse fato, gostariam de permanecer morando lá mesmo. Já em relação aos jovens do ambiente urbano, identificamos uma queixa em relação à violência urbana, à qual estão cada vez mais expostos, gerando sentimentos de contraste em relação ao lugar que habitam. Ao mesmo tempo em que gostam do lugar, devido a características atrativas deste (praias, clima quente, hospitalidade das pessoas etc), sentem-se mal com assaltos, crimes e violência. A violência urbana que amedronta - não só aos jovens - provoca um sentimento de desconforto, medo, insegurança, que leva a uma certa imobilização das pessoas em geral. Os jovens, foco específico desta pesquisa, expressaram muitas vezes o

fato de não conhecerem verdadeiramente sua cidade por causa do medo de transitar pelas ruas. Diferentemente dos jovens pesquisados por Almeida (2003), que demonstraram ter um estilo de vida onde se deslocam continuamente nos espaços de sua cidade, principalmente a noite, quando estão buscando vivências de lazer, nossos jovens pesquisados mostraram ter um estilo de vida onde se restringem a transitar basicamente no bairro ou localidade onde moram, próximos às suas residências e colégio onde estudam.

Os jovens do ambiente urbano expressaram um maior desejo de ingressar na faculdade do que os jovens do ambiente rural. Consideramos que isso não se relaciona somente com a situação financeira dos jovens; relaciona-se, também, com o fato de o meio urbano oferecer mais alternativas para o ingresso no ensino superior, instigando quem está perto a almejar uma participação nestes níveis mais avançados da educação. Ao passo que, em um ambiente rural, onde não existem faculdades e universidades, ocorre o desinteresse a partir da impressão de esse projeto seja distante de suas realidades.

Na pesquisa de Matheus (2003) sobre as expectativas e ideais de jovens de classes populares na região urbana de São Paulo, foi verificado algo semelhante com o que nos deparamos neste estudo: a falta de perspectivas, que gera esforço para construir projetos de acordo com as referências que os jovens encontram, resultando na restrição de expectativas a metas mais tangíveis. Matheus (2003) encontrou na fala dos jovens expectativas para conquista da profissão, construção de uma família ou estabelecimento de laços de solidariedade. Nosso resultado foi congruente em relação aos de Matheus (2003) acrescentando à expectativa de ter trabalho.

A restrição de expectativas apontada por Matheus (2003) relaciona-se com a limitada diversidade de projetos verificada por nós no posicionamento dos jovens entrevistados, tanto os do ambiente rural quanto os do ambiente urbano. Concordando com Matheus (2003), parece existir uma relação entre condições sociais específicas de cada região e a maneira como cada um se posiciona, faz escolhas e vivencia situações.

A desigualdade econômica que impera atualmente em nossa sociedade leva à exclusão social, que é experimentada pelos jovens como ameaça que fragiliza seus projetos de vida. Tanto os jovens do ambiente rural quanto os do ambiente urbano pertencem a classes sociais economicamente mais desfavorecidas. Foi comum encontrar falas semelhantes nos jovens do ambiente urbano e rural que expressavam a falta de criatividade e motivação para projetar planos objetivos e metas diversificadas para suas vidas.

Identificamos uma séria restrição de possibilidades. Uma resposta a isso talvez seja a tendência, encontrada em nossos resultados, do jovem viver o seu presente imediato, sem tecer muitas reflexões e indagações sobre sua vida. E quando as faz, restringe os projetos ao que lhes parece mais possível de conquistar – profissão, trabalho e família. Esse resultado confirma a idéia de Costa (2004), comentada em capítulo anterior, que explica que características da atual sociedade complexa (hedonismo e narcisismo) levam o sujeito a agir a partir de um imediatismo preponderante, tendendo a limitar seu envolvimento a questões pessoais e relacionadas com o presente vivido.

De acordo com Matheus (2003), para alguns, a conquista do trabalho e a constituição de uma família representam as pequenas e possíveis mudanças que estão ao seu alcance. O reconhecimento e a inserção social, para a maioria, podem ser alcançados através do trabalho e profissão. E, ainda assim, para alguns, até isso pode se fragilizar devido às dificuldades financeiras e às condições locais de cada ambiente.

Percebemos que a maior parte dos jovens está muito presa ao presente imediato (estudar e/ou trabalhar), e que se limita a essa realidade. De acordo com Velho (2003), os códigos culturais e processos históricos têm influência sobre os projetos em nível individual, no que tange os níveis de exploração, desempenho, performance, avaliação e definição da realidade. Ou seja, ao conhecermos as características de nossa cultura, podemos entender as influências desta no projeto de vida dos jovens.

Nossa cultura valoriza o trabalho - você é a partir do que você faz – e, ao mesmo tempo em que atribui alto valor ao trabalho, por conta do capitalismo, não oferece oferta de trabalho para toda a população, sendo o desemprego ou subemprego um grave problema da atualidade. Questionamos até que ponto os códigos culturais também estão contribuindo para limitação de opções de projetos de vida para nossos jovens.

Um contraponto para amenizar tal quadro supomos ser a participação dos jovens em grupos de iguais - sejam eles religiosos, esportivos, artísticos ou sociais - que sejam meios onde o jovem possa se expressar e ter estímulos para refletir sobre alguma realidade da qual se sinta pertencente. Além de ter a oportunidade de troca de experiências, que leva a aprendizagem, auto-conhecimento, sentimentos de bem estar, crescimento pessoal, o jovem que participa destes grupos tem também a oportunidade de ajudar o próximo e se inserir em sua comunidade. Todos esses fatores foram expressos pelos jovens em suas falas.

Notamos a importância dada pelos indivíduos pesquisados à convivência com outros jovens em grupos dos quais participavam. Este estudo nos levou a considerar que o grupo de iguais, inserido em trabalhos sistemáticos de cunho social, pode contribuir diretamente para elaboração de projetos de vida mais conscientes, estruturados e críticos. Isso leva o jovem a agir de forma mais esclarecida em sua vida e em sua comunidade. O potencial do jovem para mobilização, reflexão, busca de superação de desafios que gerem mudanças pessoais e grupais deve ser aproveitado e incentivado por educadores e por profissionais de diferentes áreas; e um caminho para incentivar este potencial é por meio destes grupos onde os jovens compartilham vivências comunitárias e sociais em uma mesma realidade. Acreditamos que esse é um dever e um desafio em nossa sociedade atual, principalmente num país como o Brasil, em que os jovens representam uma grande parcela da população.

Esta pesquisa nos fez refletir sobre como as características dessa sociedade atual estão contribuindo para a falta de condições para que os jovens consigam estabelecer com clareza e maturidade seus projetos de vida. A consequência dessa inexistência de perspectiva norteadora tende a levar ao aumento dos índices de violência juvenil, ao consumo e tráfico de drogas, à depressão, ao suicídio etc.

Depois de uma reflexão sobre os resultados encontrados a partir da pesquisa de campo e sobre as idéias discutidas, concluímos como necessária a inclusão de práticas sociais que visem um posicionamento crítico do sujeito diante das questões sociais e particulares que lhes cercam. Uma das possibilidades para nortear uma prática dessa qualidade seria a propagação do que Giddens (2002) denominou de *reflexividade do eu*, como forma sistemática e contínua de reflexão e construção.

Esse estilo de prática, com tal fundamentação, poderia ser disseminado em programas educativos que viessem a atingir os jovens de classes sociais distintas. Poderia ocorrer, por exemplo, com a inclusão de disciplinas de filosofia nas grades curriculares das escolas, em projetos educativos promovidos por organizações não-governamentais (ONGs) ou outras instituições, nos grupos de jovens de igrejas, em associação de moradores, grupos de teatro etc. Acreditamos que esse estudo possa suscitar reflexões junto a profissionais que se interessem em trabalhar com jovens e queiram contribuir de modo a possibilitar uma mudança nos comportamentos individuais e de forma abrangente da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, F. J. B. Psicologia Social e Formas de Vida Rural no Brasil in **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Jan-Abr 2002, Vol 18 n.1, pp. 037-42.

ALMEIDA, M. I. M. **Noites nômades: Espaço e subjetividade nas culturas jovens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

ALMEIDA L. S.; FREIRE, T. Metodologias da investigação em psicologia e educação. Coimbra: APPORT, 1997.

BOMFIM, Z. Á. C. 2003. **Cidade e Afetividade: estima e construção dos mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Tese de Doutorado. PUC. SP.

CASSAB, M. A. T. Jovens pobres e a cidade: a construção da subjetividade na desigualdade. In CASTRO, L. R. (Org.). **Crianças e jovens da cultura**. 1º edição. Rio de Janeiro: NAU editora: FAPERJ, 2001. (p.209-226).

CIAMPA, A. C. **A estória de Severino e a História da Severina**. 7º edição. São Paulo: Brasiliense, 2001.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

DARMEGIAN, S. A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafios da contemporaneidade. In PINHEIRO, J. (Org.) **Panoramas interdisciplinares para uma psicologia do urbano**. São Paulo: EDUC, FAPESP, 2001.

FERREIRA, K.P.M. Ficar ou **Partir? Afetividade e migração de jovens do sertão semi-árido cearense**. Tese de mestrado. UFC. Fortaleza, Ceará, 2006.

FREIRE, P. **Conscientização: teoria e prática de libertação- uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3º edição. São Paulo: Moraes, 1980.

GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio: Jorge Zahar, 2002.

LANE, S. T. M.- A Mediação Emocional na Constituição do Psiquismo Humano. In: **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MATHEUS, T.C. **O discurso adolescente na virada do século**. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=ci_arttex&pid=S0103-65642003000100006&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 03 outubro 2006.

MOSER, G. **Psicologia Ambiental** in: Revista Estudos de Psicologia, 1998, 3(1), pgs. 121-130.

OSÓRIO, L. C. **Adolescência hoje-** Porto Alegre: Artes médicas, 1989.

OZELLA, S. (org.). **Adolescências Construídas: a visão da psicologia sócio-histórica.** São Paulo: Cortez, 2003.

PARK. A cidade: Sugestões para investigação do comportamento humano no meio urbano In: Velho, O. G. **O fenômeno Urbano.** 4º edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

QUEIROZ, M.I.P. - Do rural e do urbano no Brasil. In **Vida rural e mudança social.** São Paulo: Companhia editora nacional, 1976.

ROLNIK, R. **O que é cidade.** 3º edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

SAWAIA, B.B. O Sofrimento Ético Político como Categoria de Análise da dialética Exclusão/Inclusão. In: **As artimanhas da Exclusão. Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social.** Petrópolis: Vozes, 1999.

_____ **A afetividade como fenômeno ético político e locus da reflexão crítica epistemológica da Psicologia Social.** International Journal of Psychology, 2002.

VAZQUEZ-CIXTO, S. **Recursos i instrumentis per a la planificació i la intervenció. Aproximació a la recerca psicossocial.** Barcelona: Máster intervencion Ambiental, 2000-2001.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas.** 3º edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

VERÁS M. P. B. **Trocando olhares - Uma introdução à construção sociológica da cidade.** São Paulo: Cultrix, 2000.

VIGOTSKI, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo, Martins Fonte, 2001.

_____ O Significado histórico da crise da psicologia In: **Teoria e método em Psicologia.** 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIRILIO, P. **O espaço crítico.** 3º edição. Rio de Janeiro: Editora 41, 1993.

